



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MAURICELIA DE MOURA CESAR

**O RÁDIO COMO DIFUSOR DE VALORES NOS ANOS DE 1979 a 2014
EM PICOS (PI): PROGRAMA “CORRESPONDENTE DO INTERIOR”.**

**PICOS-PI
2014**

MAURICELIA DE MOURA CESAR

**O RÁDIO COMO DIFUSOR DE VALORES NOS ANOS DE 1979 a 2014
EM PICOS (PI): PROGRAMA “CORRESPONDENTE DO INTERIOR”.**

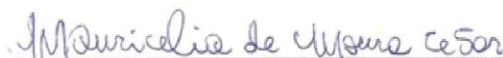
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Prof.^a Ms. Ana Paula Cantelli Castro.

**PICOS-PI
2014**

Eu, **Mauricélia de Moura César**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 19 de agosto de 2014.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C421r César, Mauricélia de Moura.

O Rádio como difusor de valores nos anos de 1978 a 2014 em Picos (PI): programa "correspondente do interior" / Mauricélia de Moura César. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (60 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profª. MSc. Ana Paula Cantelli Castro

1. Rádio. 2. Amplificadores. 3. Correspondente do Interior. 4. História Oral. 5. Picos. I. Título.

CDD 907.281 22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao Primeiro dia (01) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Mauricelia de Moura Cesar** sob o título **O Radio como difusor de valores nos anos de 1979 a 2014 em Picos - PI: Programa “correspondente do interior”**.

A banca constituída pelos professores:

Orientadora: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro
Examinador 1 : Prof. Ms. Mauricio Fernandes Perovano
Examinador 2: Prof. Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI) 01 de Agosto de 2014

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2:

Agostinho J. H. Coe
PROF. DR. AGOSTINHO JUNIOR HOLANDA COE
COORDENADOR DO CURSO DE HISTÓRIA - CSHND
SIAPE: 1985698

Aos meus pais Lindomar Cesar e Maria do Carmo, a quem amo incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

A conclusão da presente pesquisa marca uma etapa importante de amadurecimento meu enquanto pessoa e enquanto futura docente em História. Não poderia deixar de agradecer às pessoas que de forma direta ou indireta participaram dessa conquista que não é só minha.

Agradeço a Deus por não me deixar abater pelas dificuldades encontradas ao longo dessa pesquisa e da minha vida enquanto acadêmica do curso de História, por guiar meus passos e me dar força nos momentos em que mais precisei.

Ao meu pai Lindomar Cesar por me mostrar que tudo na vida é adquirido com muito esforço e dedicação. Agradeço por sempre ter acreditado em mim. Meu pai-herói.

À minha querida mãezinha Maria do Carmo por todas as palavras de incentivo e de amor. Agradeço imensamente por tudo que fez e faz por mim.

Aos meus irmãos Henricley Cesar e José Marciel pela força transmitida nos momentos certos. Agradeço pela confiança depositada em mim.

Às minhas maninhas Raylla Ferreira, Rayka Emille, Mayara de Sousa e Maria Francisca por estarem em todos os momentos, me fazendo acreditar que o céu é o limite. Essa conquista também é de vocês.

À minha avó Solidade de Moura que tem orgulho dessa neta que sempre se dedicou aos estudos e que não desistiu apesar das adversidades.

Às minhas tias, tios, primas e primos, padrinhos e madrinhas, que sempre acreditaram no meu potencial e que me ajudaram em momentos importantes para mim. Família é tudo.

À minha professora orientadora Ana Paula Cantelli sem a qual esse trabalho não seria possível. Agradeço pela disponibilidade e pelo apoio em todas as orientações e também fora delas.

Aos professores Francisco Nascimento, Gleison Monteiro, José Lins e Marylu Alves aos quais tenho grande admiração e estima.

Aos demais professores do curso de História que contribuíram de forma significativa para a minha formação acadêmica. Sintam-se todos agraciados. Cada um de vocês modificou a minha vida e minha forma de pensar o mundo.

Aos professores Rodrigo Gerolineto e Luiz Egito de Souza por ter contribuído de forma significativa nessa pesquisa.

Aos meus colegas de curso em especial Luana Bezerra, Paulo Vítor, Jane Mendes, Edna Martins, Hortência Moura, Lívia Carvalho, Lidiany Curica, Shayane Avelino, Laríce

Íris, Marcos Vinícius e Renata Santos por me ajudarem em momentos em que pensei que não iria conseguir.

Aos meus colegas do PIBID com os quais aprendi lições importantes que levarei comigo para toda a vida. Cada um de vocês é especial.

Aos entrevistados que se dispuseram a compartilhar um pouco de suas vivências. Vocês é que dão vida a esse trabalho.

A Maria das Neves, Rafaela Lima e Elisandra Lima minhas amigas de todas as horas. Amizades verdadeiras são eternas. Agradeço por todas as palavras de estímulo e pelo apoio ao longo da minha vida acadêmica.

A Juscimar Barão e José Iran pela amizade sincera. Amigos de verdade nos impulsionam ao sucesso.

A Oneide Rocha e Conceição Lélis pela disponibilidade de informações que foram de suma importância para a concretização desse trabalho.

À rádio Difusora de Picos na pessoa de Rosa Beserra que de forma gentil colocou-se à disposição para me mostrar um pouco do dia-a-dia no rádio. Aos locutores João Rodrigues e Suzi Sousa pela disponibilidade de entrevistas e por conceder uma visita ao estúdio do programa Correspondente do Interior.

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma torcem pelo meu sucesso. Sei que apesar das dificuldades sempre vou ter com quem contar.

Meu muitíssimo obrigado (a) a todos e todas. Essa pesquisa é nossa.

O historiador nunca se evade do tempo da história: o tempo adere ao seu pensamento como a terra à pá do jardineiro. (Braudel).

RESUMO

A cidade de Picos nos anos de 50 e 60 contava com amplificadoras que eram responsáveis pela veiculação da informação no espaço urbano. Essas amplificadoras tinham seu funcionamento condicionado ao uso de fios que transmitiam o que se passava de mais significativo na sociedade picoense e também fora dela. Já no período que se estende desde a década de 70 até a atualidade, a cidade passou a contar com uma comunicação feita com o uso da tecnologia de ondas, tendo como primeira emissora a Rádio Difusora. Essas ondas radiofônicas faziam com que a transmissão se estendesse para fora do espaço urbano, atingindo a zona rural de Picos, bem como outras cidades circunvizinhas. Através da história oral, na tentativa de reconstruir os relatos e vivências das pessoas no período estudado, o objetivo dessa pesquisa é investigar a maneira como ocorria essa forma de comunicação em Picos e de que modo o rádio atuou como difusor de valores no período de 1979 a 2014, mas também antes com o predomínio das amplificadoras. Os relatos dos ouvintes se fazem importantes, para perceber as relações que estavam sendo construídas com esse meio de comunicação presente no seu dia-a-dia e de como esses ouvintes têm resolvido seus problemas concretos através do rádio. O programa de avisos, Correspondente do Interior, é uma prova de que os ouvintes tinham e têm participação significativa na vida produzida, pensada e programada na rádio Difusora de Picos.

Palavras-Chave: Rádio; Amplificadoras; Correspondente do Interior; Picos.

ABSTRACT

The Picos in the years 50 and 60 had amplifiers who were responsible for disseminating the information in the urban space. Those amplifiers had functioning conditioning the use of wires that conveyed what was going more significant in Picos society and beyond. In the period extending from the 70 until today, the city now has a communication made with the use of wave technology, with the first station Radio Difusora. These radio waves were causing the transmission not extend outside the urban area, reaching Picos of the countryside, as well as other surrounding cities. Through oral history, in an attempt to reconstruct the stories and experiences of people in the study period, the goal of this research is to investigate how this form of communication occurred in peaks and how the radio acted as a protector of values from 1979 to 2014, but prior to the predominance of amplifier. The reports of the listeners are important to understand the relationships that were being built with that through this communication in their day-to-day and how these listeners have solved their concrete problems via radio. The program alerts, Correspondente do Interior, is a proof that the listeners had and have meaningful participation in the life produced, designed and programmed in Radio Difusora of Picos.

KEYWORDS: Radio; Amplifier; Correspondente do Interior; Picos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	38
------------------------	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	40
------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O RÁDIO COMO DIFUSOR DE VALORES NA REGIÃO DE PICOS – PI	18
1.1 A amplificadora “Luar do Sertão” de “Chico de Júlio”	21
1.2 Rádio Difusora de Picos AM/ Frequência 920 KHZ.....	31
2 PROGRAMA CORRESPONDENTE DO INTERIOR: 34 ANOS DE HISTÓRIA, VIVÊNCIAS E COMUNICAÇÃO NA REGIÃO DE PICOS - PI	38
2.1 <i>Quem trabalha até 11 horas o conforto é o almoço e o Correspondente.</i>	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
FONTES E REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Ao abrir a caixa, encontrei algo muito parecido com nossos relógios, com molas e máquinas imperceptíveis. Era um livro; mas um livro milagroso que não tinha folhas, nem letras. Era, em resumo, um livro para ler, mas para o qual os olhos eram inúteis. Em compensação, se necessitava dos ouvidos. Assim, quando alguém queria ler (...) girava o ponteiro sobre o capítulo que quisesse escutar e, como se saísse da boca de um homem ou de um instrumento de música, saíam desta caixa todos os sons distintos e claros que servem como expressão de linguagem entre os grandes pensadores da Lua. Desta maneira, tereis eternamente ao vosso redor todos os grandes homens, mortos e vivos, que os entretêm de viva voz. (CYRANO DE BERGERAC, 1657).

Ouvir rádio é um velho costume que remonta aos anos de 1922, quando ocorreu a primeira transmissão radiofônica no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Inicialmente de caráter educativo, o rádio tornou-se um veículo de transmissão não só de informações, mas também de valores, gestos, hábitos, ideologias.

Na época, apesar do grande e eficaz poderio dos jornais impressos, era o rádio que exercia fascínio no povo e mobilizava as massas. O despertar para essa novidade ocorreu em 07 de setembro de 1922, quando 80 rádios-galena¹ foram distribuídos, para captar o discurso do Presidente Epitácio Pessoa na abertura da Exposição-Feira Mundial, no Rio de Janeiro. O número de emissoras e de aparelhos receptores cresceu rapidamente. Nos anos 20, existiam 19 emissoras; em 1940, elas já somavam 78; em 1944, 106; em 1945, 111; em 1946, 136; em 1947, 178; em 1948, 227; em 1949, 253, chegando a 1950 com 300 emissoras (HAUSSEN, 2001, p. 56).

Em Picos-PI, o rádio tinha o propósito de trazer para si a atenção dos ouvintes por meio das propagandas, das músicas e das notícias. Esse rádio era e ainda é um difusor de valores no sentido de conseguir reunir pessoas de diferentes lugares e de diferentes costumes ao redor desse objeto que tinha destaque nas salas das casas picoenses. Essas pessoas de diferentes lugares e costumes não se conheciam, mas estavam ali ouvindo as mesmas notícias, as mesmas informações, e atribuíam significados diferentes a elas. *Eu tava bem aqui no Belo Norte, né? Mas eu podia tá ouvindo a mesma coisa no rádio que fulano ouve lá no Coroatá.* (Maria de Lourdes, 2013, Depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

O rádio traz pra si algo mágico, imaginário. Não se pode ver quem fala, mas se ouve e se imagina como a pessoa é, de que maneira está transmitindo as notícias. É também um companheiro. No momento em que se liga o rádio e se ouve quem fala, o sentimento, antes de

¹Receptores modulados na frequência AM.

solidão, torna-se de companhia e ocorre uma aproximação ouvinte/locutor que não é fria, mas sim calorosa. As pessoas passam a se importar com o que se ouve, mas, sobretudo, com quem transmite: *minha filha eu sou fã de Suzi. Se ela faltar um dia eu já fico imaginando o que se sucedeu.* (Maria de Lourdes, 2013, Depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).²

Enxergo o rádio como um instrumento de cultura do qual a sociedade faz parte, pois é essa sociedade que vai modificando o jeito com que o rádio se apresenta. A credibilidade dada a esse meio de comunicação parte da confiança que os ouvintes depositam no mesmo. Trabalhar com informações, com o meio social, é algo que exige cuidado, uma vez que os ouvintes atribuem veracidade ao que ouvem e desejam que os seus pedidos sejam atendidos. “Enfim, estuda-se o rádio a partir de seu público; interpreta-se o meio a partir da visão desse público, sem abandonar os aspectos institucionais trazidos, por sua vez, pelo comunicador popular” (GRISA, S/D, p. 03). Dessa forma pode-se inserir o estudo de rádio em um âmbito cultural, visto que a cultura é o local de encontro dos saberes que são difundidos em determinada sociedade.

As indagações que me levaram a pesquisar sobre o rádio em Picos-Piauí nas décadas de 1979 a 2014 centram-se nos programas que eram transmitidos, em especial, o programa Correspondente do Interior. Quem eram os locutores da época e de hoje? Quais os pioneiros da comunicação na cidade? O que era e ainda é noticiado nesse programa? Quais os valores que eram e são difundidos pelo mesmo?

Pretendo inserir a análise do rádio enquanto elemento formador de uma expressão artística e cultural, pois segundo Baumworcel:

Se entendermos o rádio como meio da expressão artística, cultural de um povo, perceberemos a necessidade de não só trazer o conflito de ideias, pensamentos, opiniões de todas as classes sociais, mas também os costumes, hábitos, valores, comportamentos, crenças, assim como todas as manifestações que expressem as sensações, os sentimentos, a emoção humana (BAUMWORCEL, p. 09).

As manifestações das pessoas ao ouvirem as transmissões radiofônicas dizem respeito à forma como elas recebem as informações. Seus sentimentos, sensações, são únicos e formadores de uma subjetividade que lhes é própria.

A pesquisa tem como objetivo geral perceber a Rádio Difusora de Picos AM como difusor de valores. Já os objetivos específicos abrangem os seguintes pontos: a) investigar quais eram as formas de comunicação na cidade de Picos; b) analisar o programa

²Suzi é locutora do programa Correspondente do Interior.

Correspondente do Interior. Atendendo ao primeiro objetivo, por meio da pesquisa de campo, constatou-se que antes mesmo da vinda do rádio para Picos-PI, existiam as amplificadoras, pequenas caixas de som que ficavam localizadas no alto dos postes dos principais pontos da cidade: o centro, a avenida e o morro e que faziam a comunicação no espaço urbano.

Modificando o cenário da comunicação radiofônica em Picos, a vinda da rádio Difusora possibilitou uma abrangência maior no sentido de transmitir sinal de rádio para além do espaço urbano, fazendo com que suas informações chegassem à zona rural e às cidades circunvizinhas.

Para cumprir o segundo objetivo, procuramos conversar com as pessoas que ouviam e ouvem esse programa, investigando as vivências dessas pessoas, para observar a forma como suas vidas são modificadas pelas transmissões radiofônicas, quais significados atribuem aos valores difundidos por esse meio de comunicação, e como se dá a relação ouvinte/locutor nesse processo de aproximação que o rádio proporciona.

A pesquisa está centrada na análise das entrevistas feitas no trabalho de campo, a partir dos relatos dos entrevistados, mas não deixa de ser também uma análise de memória, uma vez que é do exercício de memória que eclodem as lembranças aqui relatadas. Memória essa que se insere em uma coletividade e que dá ao ouvinte um sentido de “pertencimento” no momento da fala, ao mesmo tempo em que reforça sentimentos em relação ao que se está relatando. A análise de teóricos se faz importante, para compreender melhor as fontes e a escrita que será desenvolvida ao longo do trabalho.

As leituras de Portelli (1996/1997) se fizeram importantes para compreender que as fontes são pessoas e não documentos. Dessa forma deve-se estar atento ao que essas pessoas têm a dizer de um período que não vivenciamos, ao qual só temos acesso através de relatos. A pesquisa de Portelli no campo da História Oral contribui para que possamos entender os mecanismos formadores desse campo. As entrevistas são únicas. Nas palavras do autor, *cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras* (PORTELLI, 1997, p. 17). Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que as leituras desse teórico foram imprescindíveis para entender que a História Oral só é possível através da disponibilidade das pessoas que gentilmente nos fornecem as informações que buscamos, pois *podemos ter status, mas são eles (as fontes) que têm as informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco.* (PORTELLI, 1997, p. 25)

Esse compartilhar advém da confiabilidade que os entrevistados depositam em nós, até então pessoas desconhecidas que os procuram em busca de fatos, reminiscências, de suas vidas. Por isso agradeço a todos os entrevistados que se dispuseram a compartilhar um pouco

de suas vivências, pois sem eles esse trabalho não faria sentido algum, visto que suas histórias são importantes para compreendermos as formas de comunicação que se davam não só através do rádio, mas nas próprias comunidades onde essas pessoas moram.

Os vários significados que os ouvintes atribuem ao programa Correspondente do Interior partem da capacidade que os meus entrevistados têm de, segundo Portelli, “estabelecer sua própria subjetividade, sua própria capacidade de ver, interpretar e influir na história” (PORTELLI, 1996, p. 03). Ao estabelecer sua própria subjetividade, os ouvintes relatam os fatos mais importantes para eles, no momento em que atribuem significado ao que aconteceu no passado.

Como eram os avisos, quem os fazia, como era a participação no rádio, são momentos que aconteceram e que, de alguma forma, os influenciaram a adquirirem a sua própria capacidade de enxergar como os fatos ocorriam, quais os avisos que naquele período eram frequentes, e quais avisos são frequentes hoje? É um exercício de memória que os entrevistados se propõem a fazer quando indagados sobre as suas recordações em relação ao Correspondente. Um diz uma coisa, outro diz outra. Várias são as vivências e lembranças. Todas são importantes, pois dizem respeito ao modo como essas pessoas influenciam na história, formando-a, modificando-a, conforme a sua necessidade.

Ainda segundo Portelli, “não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro” (PORTELLI, 1996. p. 04). As fontes são pessoas, e não documentos e elas estão contando um fato ao qual não tivemos acesso. Por conta disso, quando se faz história oral não se questiona se um fato se sucedeu ou não, e sim estamos tendo acesso ao relato desse fato, relato este presente na fala dos entrevistados e, que segundo o autor, está sendo contado de modo verdadeiro, pois são dados objetivos e passíveis de investigação e análise por parte dos estudiosos que se propõem a trabalhar com a oralidade das pessoas.

As contribuições de Thompson (1981) foram no sentido de perceber de que forma as falas faziam parte de *uma soma unitária do comportamento humano*. (THOMPSON, 1981, p. 50). A partir destas falas podemos perceber que todos os relatos dos ouvintes do programa Correspondente do Interior, de alguma forma, estão relacionados entre si, uma vez que o passado não é um conglomerado de histórias separadas, mas de histórias que, apesar de suas peculiaridades e diferenças, se completam. Pessoas que não se conhecem, mas que têm suas vivências ligadas às demais que participaram do mesmo período.

Pertencer a um grupo é assinalar um lugar social. Os entrevistados da pesquisa aqui apresentada fazem parte do grupo das pessoas que vivenciaram as experiências proporcionadas pelo rádio desde a década de 70 até os dias atuais. Voltando um pouco no tempo, este grupo se constitui de pessoas que participaram da comunicação proporcionada pelas amplificadas que existiram na cidade durante as décadas de 50 e 60.

Nesse sentido a pesquisa está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo vai abordar as primeiras transmissões radiofônicas de Picos, enfatizando a contribuição das amplificadoras que existiam na época em que a cidade ainda não contava com energia elétrica, as amplificadoras funcionavam por meio de um sistema gerador de som movido a óleo e as luzes dos postes se ascendiam às 18h00min e se apagavam às 22h00min.

Procuramos também mostrar como essas transmissões ocorriam, bem como a vinda daquela que é considerada a primeira rádio de Picos, rádio Difusora, que contava com um estúdio e alcançava não só o espaço urbano, mas também o rural. Outro ponto abordado neste capítulo é a fala dos locutores do programa Correspondente do Interior, da rádio Difusora de Picos (AM), adentrando à questão do rádio enquanto difusor de valores e da relação ouvinte/locutor, além de outras informações que os entrevistados nos repassaram, ao falarem sobre o rádio nas primeiras décadas de sua existência.

O segundo capítulo vai trazer as falas dos ouvintes do programa Correspondente do Interior, da rádio Difusora de Picos (AM), suas vivências, sua relação com o rádio, bem como as formas de se comunicarem através desse meio (o rádio), o que fazia com que não houvesse um isolamento (em termos de comunicação) entre as pessoas do espaço rural; quais os avisos que antes eram veiculados no programa e quais deixaram de existir por conta da evolução que se teve nos meios de comunicação (celular, internet, entre outros).

A fala dos ouvintes, ao tratarem desse tema, muitas vezes traz um saudosismo da época em que se precisava ouvir o programa de rádio para saber o que estava acontecendo na região de Picos. As festas, que antes ocorriam nas residências, assinalam um período em que a diversão era mais sadia, como relata um dos ouvintes.

A pesquisa em si não pretende esgotar o assunto, visto que o estudo de rádio abrange uma gama de aspectos formadores do mesmo. Pretende apenas tecer algumas considerações acerca da importância do rádio, enquanto instrumento capaz de difundir valores e proporcionar vivências a quem ouve e de quem faz a vida adquirir sentido por meio do rádio.

1. O RÁDIO COMO DIFUSOR DE VALORES NA REGIÃO DE PICOS – PI.

O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, constituiria um fantástico sistema de canalização, se fosse capaz, não apenas de *emitir*, mas também de *receber*. O ouvinte não deveria apenas *ouvir*, mas também *falar*: não isolar-se, mas ficar em comunicação com o rádio. A radiodifusão deveria afastar-se das fontes oficiais de abastecimento e transformar os ouvintes nos grandes abastecedores. (Bertolt Brecht).

O rádio não fala sozinho. O rádio fala para alguém que está na escuta e que participa da formação do que se está ouvindo, ou seja, os programas são feitos, programados e pensados visando os ouvintes, atendendo às demandas dos mesmos. Para dona Maria de Lourdes o rádio sempre foi uma companhia:

Eu nunca tive televisão não. A rádio sempre foi minha companheira Eu gostava era muito de ouvir rádio desde pequena. E com esse negócio hoje de televisão, internet, num pense que o rádio perdeu lugar não. O rádio é mágico, é alegria. É a gente ligar pra ouvir aquela voz do outro lado. E é algo próximo da gente sabe. Eu gosto é muito de ouvir. (BARROS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Maria de Lourdes é uma senhora de 72 anos que mora sozinha no bairro Belo Norte em Picos-PI e cujos filhos estão longe. Para ela o rádio sempre foi uma companhia porque na solidão dos seus dias a ouvinte encontra no rádio esse companheiro diário que faz soar uma voz ainda que distante, mas próxima por conta da relação que se estabelece entre quem ouve rádio e quem o faz.

Essa tecnologia (o rádio) se humaniza porque une as pessoas que estão em ambos os lados da produção radiofônica, ou seja, o público e os profissionais. Daí o calor humano que transparece na fala da ouvinte entrevistada. Para dona Maria de Lourdes, o rádio é muito mais que um instrumento de comunicação. Para ela, o rádio é o que preenche os seus dias solitários, é a companhia que aquece o seu coração e a faz sentir que não está sozinha. A mesma relata que a cada dia ela tem uma sensação diferente ao ouvir o rádio, pois em um dia a ouvinte pode estar triste, preocupada ou mesmo alegre e esses sentimentos de alguma forma transformam o modo como ela ouve o que é veiculado no rádio.

O rádio funciona como difusor de valores na região de Picos no momento em que ele permite uma visão aproximada da vida social, das urgências, do cotidiano e dos valores culturais enfatizando-se a feitura do rádio como um conjunto de relações. As formas de as pessoas se relacionarem com o rádio são importantes para percebermos o modo como elas estavam inseridas nesse meio de integração.

Podemos enfatizar alguns pontos que fazem do rádio o meio de comunicação que fez e faz parte do cotidiano das pessoas. Um dos pontos diz respeito às participações ao vivo nos programas que fazem com que os ouvintes participem de forma efetiva. Nesse momento não é só o locutor quem fala, mas também o ouvinte, que liga e faz com que sua voz seja ouvida por todos aqueles que estão na escuta do rádio. Esta prática, muitas vezes, causa repercussão, porque sempre existe alguém, seja da família ou amigo, que ouve aquela voz conhecida no rádio e diz: - Olha fulano tá no rádio. Pedindo música ou fazendo alguma reclamação o ouvinte que participa desses programas radiofônicos liga com o propósito de ter suas necessidades atendidas.

Em relação às reclamações, muitas vezes elas diziam respeito a uma rua que não se encontrava em boas condições, a energia ou a água que havia faltado há dias, um poste caído. Dona Maria de Lourdes conta que um dia ligou para a rádio em um programa ao vivo e falou da situação em que se encontrava sua rua: *eu liguei e disse mesmo: minha rua tá esburacada, prefeito nunca pisa aqui, tem esgoto na rua e isso tá prejudicando todo mundo aqui.* (BARROS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

A mesma relata que por conta dessa ligação uma pessoa da prefeitura foi na mesma semana à rua acima relatada e providenciou que os buracos fossem tapados e o esgoto retirado por meio do sistema de esgotamento interno. Esse exemplo nos leva a perceber que as pessoas podem resolver seus problemas concretos por meio do rádio, pois esse meio de comunicação pode ser utilizado para fazer denúncias, reclamações, e outras ações, para resolver problemas que afligem as pessoas de um determinado lugar.

A atitude de dona Maria de Lourdes, ao fazer a ligação, fez com que o problema pudesse ser resolvido. O significado que a ouvinte atribuiu a essa ação foi no sentido de que a situação da rua deveria ser denunciada, o rádio poderia servir como instrumento de denúncia, então porque esperar? Nesse momento a ouvinte viu em si mesma alguém que se sentiu afetada pelo problema da rua e que não hesitou em procurar a solução.

Outro ponto a ser considerado é o fato de que o rádio, em sendo um difusor de valores, é também um difusor de vivências. Vivencia quem ouve o rádio, vivencia quem o faz. Conceição Lélis relata uma vivência de quando trabalhava na mesa de som da rádio Difusora de Picos e o cantor Odair José veio se apresentar em Picos:

Eu me lembro de um show que teve aqui de Odair José no tempo que ele tava no auge e naquele tempo eu trabalhava na rádio Difusora e ele veio fazer um show aqui, e o hotel onde ele ficou hospedado foi bem ali onde é hoje a Casa de Saúde. Isso foi de 79 pra 80. Aí Erivan Lima tinha um programa nessa rádio e eu trabalhava na mesa de som, e aí quando foi a tarde eu tava sozinha na mesa de som aí eu liguei pro

hotel que o cantor tava: - Eu gostaria de falar com o cantor Odair José. É da rádio Difusora. Aí passaram pra ele e eu disse: - Você poderia me dar uma entrevista na rádio? Ele disse:- Dou, eu dou sim senhora. Eu disse: - Que horas você pode vim? Ele: - As três horas tá bom? Eu respondi: - Tá.
Desliguei e liguei pra Erivan ai Erivan disse: - Conversa é essa. Eu disse: Venha pra cá pra entrevistar o homem às três horas. Ai ele foi e começou a anunciar que Odair José ia dar essa entrevista. Ôh mulher pra que. Quando foi três horas a rua tava lotada, o mulhero lá pra ver ele. (LÉLIS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Essa entrevista constitui um elemento surpresa com que os ouvintes iriam se deparar, pois, ao ligarem o rádio, iriam ouvir a voz do cantor Odair José. Isso fez com que a ação de Conceição Lélis fosse importante, pois ela teve uma consideração com os ouvintes que ouviriam através do rádio a entrevista do cantor. O que levou Conceição Lélis a sair do seu posto de trabalho e fazer uma ligação para o hotel onde o cantor estava hospedado? A entrevistada relatou que primeiramente pensou nos ouvintes que iriam sintonizar na rádio para prestigiar a entrevista do cantor, alguns ouvintes iriam até a recepção da rádio, no intuito de ver o artista de perto, mas quem estava em casa poderia ouvir no seu radinho. E em segundo lugar a entrevistada pensou na rádio que ganharia prestígio com a presença do cantor.

Um ponto importante a ser ressaltado é que, antes dos artistas virem a Picos, as pessoas já conheciam as músicas, porque as ouviam através do rádio: *As músicas nós conhecíamos de ouvir no rádio.* (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Esse “nós” diz respeito à sociedade picoense, onde a entrevistada relata que as pessoas conheciam as músicas porque as ouviam no rádio. Esse fator é essencial para entendermos de que forma as pessoas tinham contato com os artistas de outros lugares, outras regiões.

Esse contato fazia com que fosse formada a identidade das pessoas, pois elas estavam tendo conhecimento de outras bandas que não de Picos. Bandas essas de estilos diferentes, ritmos diferentes, que agradavam a uns, desagradavam a outros, uma vez que a sociedade não é homogênea, ou seja, cada indivíduo possui gostos distintos. Contudo, o que se pode destacar é que as pessoas não precisavam se deslocar para entrar em contato com as músicas e com os artistas que estavam no auge. Bastava estar na escuta do rádio e fazer com que a imaginação se soltasse.

Por outro lado, o rádio exerceu um papel fundamental no que se refere à divulgação dos valores artísticos locais, pois, havia também os artistas da região de Picos que se apresentavam no rádio. Por vezes com músicas de sua própria autoria, por vezes com músicas

de outros artistas. Esse era o chamado contato com o interno³, que também se fez importante no sentido de formar a identidade das pessoas.

1.1 A amplificadora “Luar do Sertão” de “Chico de Júlio”.

Antes das ondas de rádio, em Picos havia os fios, ou seja, transmissões radiofônicas por meios de fios que conduziam a comunicação pela cidade. Esses fios ficavam restritos ao espaço urbano e eram eles que conduziam o som das amplificadoras. E o que eram essas amplificadoras? As amplificadoras eram caixas de som colocadas no alto dos postes do morro da cidade, na avenida e na Praça Félix Pacheco, que era a praça principal de Picos, e onde as pessoas gostavam de ir para conversar, paquerar e tomar sorvete.

Os locutores das amplificadoras eram Seu Rocha, Geraldo Pereira e Chico de Júlio. Este, que era considerado uma “pessoa de voz forte, bonita e que encantava quem ouvisse”, além de locutor, foi também o idealizador das amplificadoras. A sede da amplificadora localizava-se próximo ao Mercado Central da cidade. Possuía dois microfones: um para o locutor e outro para algum artista que fosse se apresentar.

A amplificadora “Luar do Sertão” surgiu em meados da década de 50, quando a cidade de Picos ainda não dispunha de energia elétrica. Como funcionavam essas amplificadoras? Nas casas não se tinha energia. A iluminação pública era alimentada por um motor movido a óleo diesel e as luzes se apagavam às 22h00min. Essa “engenhoca”, introduzida em Picos por Chico de Júlio, funcionava a partir de mecanismos montados por ele.

É possível que o rádio de onda curta⁴ tenha sido o instrumento utilizado inicialmente para captar o sinal de jogos futebolísticos, de novelas, entre outros. A partir daí ele poderia retransmitir esse sinal para as caixinhas de som espalhadas pela cidade de Picos-PI. Esse processo chama-se *link*, que consiste em captar um sinal e fazer com que ele seja retransmitido. Então, pode-se imaginar que Chico de Júlio utilizou o rádio de ondas curtas, de onde recebia as informações que seriam transmitidas via amplificadora. As ondas curtas são capazes, na década de 50, de se propagarem por um espaço de 40 a 100 metros de onda, e não de distância, aproximadamente, o que pode ter possibilitado as transmissões da amplificadora no espaço urbano de Picos.

³Contato com artistas da região de Picos bem como demais formadores da cultura local.

⁴A denominação onda curta vem do fato de que os sinais estão numa faixa de frequências entre 3 e 7 MHz que correspondem a um comprimento de onda de 100 a 40 metros.

Fonte: <http://www.newtoncbraga.com.br/index.php/projetos-educacionais/3284-art454>. Acesso em: 17 de julho de 2014.

Chico de Júlio realizou estudos para a criação desses aparelhos que no período seriam uma grande novidade para as pessoas da cidade, e também de quem vinha de outros lugares. Vale ressaltar que o espaço urbano da cidade de Picos em meados de 50 e 60 *ia da avenida grande, pegando os morros ai onde hoje é a Aerolândia, até a praça do museu. A cidade acabava ali na praça do museu que é a Praça Josino Ferreira. Então era até ali o alcance da amplificadora.* (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Cidade pequena cujas ruas eram marcadas pela sonoridade das amplificadoras e por pequenos pontos comerciais: lojas de tecidos, de variedades, mercadinhos alimentícios, farmácias, entre outros. Algumas pessoas paravam para ouvir esses sons que vinham das amplificadoras. Outras continuavam o seu trajeto, já que teriam de trabalhar ou estudar, mas à tardinha era o momento propício para sentar à calçada e jogar conversa fora com os vizinhos, para ouvir as músicas que embalavam os corações dos jovens apaixonados, ou mesmo para ouvir as músicas de artistas regionais cujos ritmos iam do pop rock ao forró. Optava-se ainda por ir a Praça Felix Pachêco – ponto de encontro dos jovens que iam para paquerar, ler livros - ponto de encontro também das pessoas que se reuniam ao pé do poste para acompanhar as transmissões futebolísticas.

À noite as luzes se apagavam às 22 horas e a cidade, que, pela manhã, era embalada pelo som das amplificadoras, agora presenciava o silêncio. Após as 22 horas, as casas dispunham de lamparinas que faziam a iluminação dos cômodos. Algumas pessoas estudavam à luz dessas lamparinas⁵ e faziam outras atividades. Outras dormem para no dia seguinte continuar sua labuta diária. Quando tinha festas a cidade se agitava. O Picoense Clube foi responsável por muitas festas na cidade. Os horários não são como os de hoje. No máximo à meia noite as festas já findavam. E na rua? Também tinha festas. O carnaval era a festa popular que reunia pessoas de vários lugares da região de Picos. As marchinhas embalavam as noites de carnaval na cidade. Aos domingos se costumava ir à missa das 09 horas da manhã. A religiosidade também se fazia presente nos festejos religiosos que mobilizavam os fieis a participar com suas orações, com pedidos de dias melhores.

Em dia de feira (no sábado) a cidade ficava mais movimentada, vinha gente das cidades circunvizinhas e da zona rural. Ao chegar à cidade se deparavam com a voz que vinha das caixinhas de som. Para quem via pela primeira vez era algo novo. Era intrigante o fato de

⁵Minha mãe conta que quase todas as noites estudava à luz das lamparinas que eram objetos de alumínio com algodão na ponta. Esse algodão era queimado por meio de álcool ou querosene posto no fundo da lamparina, o que permitia a luminosidade do ambiente.

uma caixinha tão pequena fazer soar uma voz tão forte. Oneide Rocha nos conta a surpresa de Odorico Carvalho ao ver pela primeira vez as caixas de som capazes de transmitir sonoridades:

Odorico Carvalho conta que quando chegou em Picos vindo da Bocaina disse que tinha umas amplificadoras nos postes que transmitia as músicas do rádio né? Os locutores falavam e era transmitido pra o povo através dessas amplificadoras e ele ficava se perguntando quem tava cantando ali dentro (risos). (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Para quem era de Picos as amplificadoras faziam parte de suas vivências. As surpresas advindas das primeiras transmissões deram lugar a algo costumeiro, mas quem vinha de outros lugares da região e via pela primeira vez aquela forma de comunicação desconhecia o papel das amplificadoras e tomava como novidade aquele objeto tão pequeno que fazia soar uma ou mais vozes, dependendo da ocasião. Outro ponto importante a ser considerado é o fato de que, diferentemente das ondas, a transmissão por fios não podia ser ouvida através de aparelhos de rádio nos lares picoenses. Só se ouvia as amplificadoras através do seu som advindo da rua.

A novidade da cidade passou a ser a amplificadora. E, como Odorico Carvalho, talvez, muitas outras pessoas se perguntassem quem era aquela voz que estava cantando nas caixinhas de som. Nesse sentido podemos começar a pensar essa primeira experiência radiofônica como algo cultural agregado à vida das pessoas e considerar que as experiências vindas posteriormente captaram elementos presentes nas transmissões feitas pelas amplificadoras.

Sobre a programação feita pela amplificadora, pode-se dizer que ela não era “fixa” no sentido estrito da palavra, mas sim porque ficava fixa nos postes. Eram transmitidas músicas, notícias, anúncios variados como: anúncio de emprego e produtos, mas não seguiam um horário fixo. *A Luar do Sertão tinha todo tipo de programação que uma rádio hoje tem, só não eram fixos. Tanto podia ter música pela manhã como podia ter notícias, anúncios. O horário sempre variava.* (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI). Diferentemente, a Hora do Ângelus, em que se fazia a reza da Ave Maria, acontecia todos os dias, às 18 horas. A Hora do Ângelus era um programa de caráter religioso, ouvido e rezado por muitos devotos da Virgem Maria. Sua transmissão, provavelmente tinha origem em Teresina e era feita do rádio para a amplificadora, ou seja, do rádio de Teresina (a rádio Difusora surgida em 1948, posteriormente, na década de 60 era a rádio Pioneira) para a amplificadora “Luar do Sertão” de Picos. Convém ressaltar que, se nesse período pegavam-se

as transmissões de Teresina, o rádio em Picos não era acessível a todas as pessoas. Então se percebe a importância de Chico de Júlio no sentido de democratizar o acesso às informações que eram transmitidas via rádio.

Alguns até se ajoelhavam em frente à caixinha de som da amplificadora para rezar junto com o locutor que fazia a transmissão, como é o caso da ouvinte entrevistada Maria de Lourdes:

Minha fia pra tu ter uma ideia tinha gente que ajoeva em frente aquelas caixa de som assim que tava na Hora do Ângelus e começava rezar, que era a hora mais sagrada do dia. E eu também ficava de joelho em devoção a virgem. Igual a música pede: - Quando batem as seis horas/ de joelhos sobre o chão/ o sertanejo reza/ a sua oração/ Ave Maria! Ave Maria! (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

A cidade sempre teve uma forte religiosidade, pois *todos os eventos só se programavam para depois da missa*. (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI). Em especial a missa das 09h00min da manhã ocorrida aos domingos. A Hora do Ângelus é um programa que continua sendo transmitido, só que agora, pela rádio Cultura FM, todos os dias às 18h00min. Na época da amplificadora, ele era considerado a hora mais sagrada do dia, já que, durante sua transmissão, as pessoas se ajoelhavam ao pé dos postes e rezavam junto com o locutor.

Criava-se um clima de oração na cidade, e nesse momento o sino da igreja também anunciava que era hora de se ajoelhar em devoção à Virgem Maria, que era invocada na oração das pessoas. A música temática ia ao encontro das súplicas dos fieis, que, muitas vezes, se emocionavam ao ouvi-la. *Eu quando ouvia a hora do ângelus me arrepiava toda e tinha vez que caía as lágrimas porque é daquelas músicas que vai até a alma e é como se ela soubesse o que a gente tá passando*. (BARROS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

A oração é algo muito forte que faz com que as pessoas acreditem que seus problemas podem ser resolvidos através da fé, da devoção nas divindades. É um propósito que fazia com que as pessoas se ajoelhassem ao pé do poste em sinal de respeito e de humildade. Nesse momento os laços estabelecidos entre as pessoas e a religiosidade fariam com que até hoje a cidade de Picos guardasse essa característica de forte presença religiosa, pela qual se percebe a grande quantidade de pessoas nos festejos religiosos, muitas vezes em horários quentes, mas que não desmobilizam as pessoas a fazerem da religião um propósito para suas vidas, uma busca incessante de fé e esperança em dias melhores.

Havia ainda a transmissão de notícias locais e nacionais, músicas variedades, anúncios de aniversário e até de morte: - *Mas também quando, se morria alguém na cidade, davam umas batidinhas no sino da igreja e o pessoal já sabia que havia morrido alguém.* (BARROS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Algumas pessoas dispunham do aparelho de rádio, já em meados de 60⁶ e 70, mas a transmissão feita pelas amplificadoras não chegava a esses aparelhos.

Nas amplificadoras se ouviam notícias, mas também músicas. Em relação às músicas, se tinha a idealização do artista que estava cantando e se imaginava que fosse belo como a sua voz. Ouvir a voz do cantor e imaginar como ele era também era algo que estava presente no imaginário das pessoas:

Eu ouvia muito o som da amplificadora. Tanto a parte das notícias como a das músicas que era praticamente o dia todo. Mas tinha as coisas que eu gostava mais. Por exemplo, as músicas. Ouvia muito músicas românticas. Ficava aqui... Imaginando que os cantores eram muito bonitos né? Porque a voz era. (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Os programas de música tinham a sessão especial onde se oferecia música a alguém: *Ofereciam música pra mim e eu só faltava era apanhar aqui porque papai não podia nem ouvir falar. Ele era muito ciumento. Logo eu era bonita né?* (LUZ, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Então se pode imaginar como era oferecer música a uma pessoa e toda a cidade ouvir. Com o conservadorismo da época, os rapazes que ofereciam música para as moças corriam o risco de “desagradar” os pais delas, já que os mesmos poderiam estar na escuta. Podemos perceber ainda as relações estabelecidas por quem oferecia a música e por quem a escutava, e ainda pelo locutor, que fazia o oferecimento da música. *As músicas mais pedidas eram de Roberto Carlos.* (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI). O romantismo envolvido no ato de oferecer músicas fazia com que o rádio servisse como um elo entre as pessoas.

Aqui também se faz presente o calor proporcionado pelo rádio, calor esse que aproximava as pessoas. Mas nem só de músicas românticas se constituía a amplificadora. Havia também as músicas de desagravo. Músicas de desagravo eram aquelas que se oferecia àquele ou àquela pessoa que era seu desafeto: *Essa música vai como desafeto porque fulana*

⁶Vale ressaltar que em 1962 os picosenses que dispunham de um aparelho de rádio em suas casas poderiam sintonizar na rádio Pioneira de Teresina, inaugurada em setembro de 1962 na então capital do Piauí. Era uma rádio de caráter católico e tinha “como objetivo inicial à informação e a formação cultural”. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

tomou meu namorado. Aí botava a música. (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI). Essas músicas de desagravo, assim como as demais, eram ouvidas por toda a cidade e não escapavam aos comentários da população.

Algumas pessoas ofereciam a mesma música repetidas vezes para chamar a atenção de alguém, o que acabava fazendo com que se “enjoasse” a música. Oneide Rocha nos conta que certa vez sua avó, de tanto ouvir uma música, acabou enjoando a canção:

Eu lembro que lá na esquina da casa da minha avó tinha uma amplificadora e uma vez ela me disse que fez foi enjuar uma música que era cantada mais ou menos assim: - Assim se passaram dez anos sem eu ver teu rosto, teu olhar, teus olhos [...] – porque uma pessoa botou pra passar o dia todim. Aí minha vó disse que sempre que ela escutava essa música dizia: eu enjuei essa música. (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Na amplificadora tinha também as radionovelas por conta do *link* que, como já foi mencionado, é um processo que consiste em captar um sinal e fazer com que ele seja retransmitido em determinada área. Em uma de suas lembranças Oneide Rocha relata:

Eu me lembro que pelo rádio tinha uma novela famosa que era... Tinha A moça que veio de longe, tinha O rei do sertão e tinha a novela O direito de nascer. Agora essas novelas elas demoravam bem dois anos pra acabar, mas prendia a atenção porque, por exemplo, tinha os personagens Albertinho Monta, mãe Dolores e se tornavam até marchinha de carnaval: - Eu vi o Albertinho Monta/ Beijando a Isabel Cristina – (risos) tinha Jorge Luís na novela então era tudo veiculado pelo rádio. (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Pode-se inferir que as novelas transmitidas via amplificadora, em Picos, vinham das transmissões da rádio Nacional do Rio de Janeiro⁷, por meio do processo de *link*. Percebe-se que uma novela veiculada no rádio demorava levava mais tempo para acabar que as novelas exibidas hoje na televisão, pois hoje nenhuma ultrapassa um ano. Mas tinha o fator imaginação que entrava em cena para prender a atenção dos ouvintes, como bem mencionou Oneide Rocha em seu relato.

Outra percepção é a de que os personagens de radionovelas poderiam se tornar marchinhas de carnaval, então o que se pode questionar é a forma como as marchinhas de carnaval se apropriavam de personagens do rádio, de novelas transmitidas pelo rádio. Eram

⁷As radionovelas da emissora marcaram época a partir da primeira transmitida em 1941, "Em busca da felicidade", que durou três anos, até "O direito de nascer", que chegou a mudar hábitos das pessoas que tinham compromisso marcado com as transmissões dessa radionovela, posteriormente adaptada para a televisão
Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/radio-nacional/dados-artisticos>. Acesso em: 17 de julho de 2014.

personagens já conhecidos pelo público ouvinte e que adquiriam outra significação nas marchinhas e caíam no gosto popular.

As pessoas cantavam já tendo em mente quem eram os personagens, ou seja, eram personagens que não eram anônimos, e sim conhecidos. Então a dimensão que eles ganhavam era algo importante para podermos perceber como espaços distintos (marchinhas de carnaval e rádio), e de certa forma próximos podem se unir e formar sociabilidades que vão fazer parte da formação cultural das pessoas. Mas vale ressaltar também que as marchinhas satirizavam o cotidiano, já que o carnaval é o tempo da sátira.

As radionovelas eram histórias seriadas, irradiadas às segundas, quartas e sextas-feiras, ou às terças, quintas e sábados. A duração variava, indo de um mês até dois anos, como foi o caso de *Em busca da felicidade*, que ficou em cartaz de 1941 até 1943. [...] Famosas, por serem sempre citadas, como é o caso de *O direito de nascer*, presença obrigatória em qualquer menção ao mundo das novelas (radiofônicas ou televisivas). (CALABRE, 2007. p. 67-68).

A autora citada acima descreve um pouco desse universo ao qual estavam inseridas as radionovelas: duração, dias em que eram transmitidas, e menciona ainda o fato de essas novelas transmitidas via rádio serem desconhecidas pelas novas gerações uma vez que as mesmas estão habituadas às imagens que complementam os sons, ou seja, nas radionovelas se fazia presente o fator imaginação já que não se viam as imagens, cenas, das novelas, mas se imaginava como elas eram o que possibilitava, segundo Calabre: *aos heróis e aos vilões ter tantas faces quantos sejam os ouvintes que acompanhem atentos ao desenrolar das tramas*. (CALABRE, 2007. p. 68).

Existiam as transmissões de jogos de futebol, em que as pessoas iam à praça ouvir as narrações esportivas através da amplificadora. Esse era um momento em que a amplificadora atraía as pessoas para os espaços de convivência coletiva, como é o caso da praça, onde as pessoas se reuniam no intuito de ouvirem juntas as transmissões futebolísticas, vibrarem juntas a cada gol feito pela seleção brasileira.

Assim, aflora também um sentimento de pertencimento à nação, que é muito comum em tempos de Copa e que liga as pessoas em torno de um só ideal, que é o de ver seu país vitorioso. Sobre a Copa do Mundo do ano de 1958, realizada na Suécia, Oneide Rocha recorda que:

A Copa do Mundo de 58 eu me lembro de que ligava as amplificadoras na praça e todo mundo ia pra praça pra escutar né? Por exemplo, a transmissão do jogo aí tinha uma amiga minha que ela foi ver o jogo em Teresina, em 70, por a Tv, aí quando ela

chegou eu perguntei o que é que ela tinha achado. Ela disse: eu achei mei sem graça, porque não tem aquela animação do rádio⁸. Porque o rádio é aguniado né? É só: - fulano, ciclano. Ai ela disse: eu gosto mesmo é do rádio (risos). (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

E o futebol? Ah, o jogo narrado pelo locutor esportivo que sabe tudo sobre a "paixão nacional" é pura adrenalina, emoção, é saber que não se está só na torcida, porque os milhares de torcedores estão unidos naquela "Corrente pra frente", sofrendo, empurrando o time, na magia que só o rádio é capaz de construir (BLOIS, 1996. p. 14). O ano de 1958 seria inaugural das transmissões feitas em coberturas de longa distância. O sistema que funcionava a partir de mecanismos construídos por Chico de Júlio fez com que a cidade de Picos-PI pudesse ouvir a transmissão de um jogo que estava ocorrendo na Suécia.

A copa do mundo de 1958 constitui-se como a primeira transmissão internacional da radiodifusão sonora brasileira com retorno de áudio dos estúdios para o local dos jogos, um feito para a época. (RANGEL, 2012. p. 06). Essas transmissões, além de marcarem um momento importante na história do rádio e das amplificadoras, eram bastante descritivas e fazia com que os ouvintes se envolvessem de corpo e alma a cada lance dos jogadores, a cada grito de gol. Os locutores que se destacaram na época foram Jorge Curi e Antônio Cordeiro, locutores da rádio Nacional com sede no Rio de Janeiro. Pode-se inferir que era dessa rádio que vinham as transmissões futebolísticas ouvidas via amplificadora na cidade de Picos-PI.

É a magia ocasionada pelas transmissões de futebol que envolve os ouvintes nessa "paixão nacional". Os locutores transmitiam em palavras o que viam em campo. A emoção ocasionada pelas transmissões das amplificadoras era algo característico. Ouvir uma transmissão de jogo era algo empolgante. Imaginar os lances narrados, a forma como os jogadores estão dispostos, a alegria proporcionada a cada grito de Gol! Bordões como: "Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo", "Aguenta coração!", "Alô! Alô Brasil, de Norte ao Sul", "Uma Beleeeeza de Gol!", "Ripa na chulipa e pimba na gorduchinha" ou "E que golaaaaaço" fazia parte da festa e aumentava ainda mais a expectativa pelo gol⁹. "O rádio é aguniado né?". E essa agoniação que o locutor tem ao transmitir um jogo é o que faz com que seja animada a transmissão, onde o "ouvir" dispensa o "ver" já que se podem imaginar as situações do jogo de uma forma mais divertida, mais empolgante. Podem ocorrer exageros na hora da transmissão, mas as pessoas querem sentir toda a empolgação que o rádio é capaz de

⁸Referente à transmissão radiofônica feita pelas amplificadoras em Picos, já que a rádio Difusora de Picos só viria nos anos 70.

⁹Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/04/e-fecham-se-as-cortinas-a-ultima-copa-do-mundo-da-radio-am.htm>. Acesso em: 17 de julho de 2014.

transmitir. É essa característica inerente ao rádio que o faz ser diferente dos demais meios de comunicação. É o sentir, é o imaginar.

Podemos perceber que o rádio assume uma função de informar através dos jogos que são transmitidos, das músicas, dos noticiários, e aproxima os ouvintes de fatos que, segundo Blois, ocorrem em universos distanciados do seu quintal comunitário, ou seja, faz com que estes se sintam participantes desses universos, ainda que de forma distante, independente de quais sejam esses ouvintes, uma vez que o rádio tem a capacidade de aproximar e também de unir pessoas diferentes em um mesmo ideal, qual seja participar da vida proporcionada pelo rádio.

Na amplificadora estavam presentes também os programas que eram transmitidos ao vivo e que o próprio Chico de Júlio era quem fazia as transmissões. Havia programas de notícias, como o programa transmitido ao meio dia. *O programa do meio dia, esse noticiário era o que mais era ouvido assim pelas pessoas, pelo menos eu parava pra escutar. E tinha os anúncios de morte, de aniversário.* (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI). Que noticiavam tanto notícias locais, quanto nacionais.

Chico de Júlio, além de idealizador das amplificadoras, cuidava da transmissão das notícias, como locutor. *Logo Chico de Júlio tinha uma voz muito bonita e ele além de locutor era cantor também.* (LUZ, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Chico de Júlio era na cidade uma pessoa considerada “além do seu tempo”:

Pra se ter uma ideia a primeira estação local de rádio que tinha aqui em Picos foi feita por Chico de Júlio. Chico de Júlio é uma pessoa que ele sempre teve uma visão além do tempo, sempre enxergando a cultura de Picos e com isso ele foi o precursor da cultura picoense. (LAVÔR, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

O ideário de Chico de Júlio, como precursor da cultura picoense, era devido ao pouco investimento que na época se tinha em cultura na cidade de Picos-PI. Nos anos 50, 60, a diversão era a amplificadora que transmitia músicas, notícias, avisos de utilidade pública; era para a Praça Félix Pachêco que as pessoas iam para conversar, paquerar, onde as pessoas se reuniam para discutir sobre os assuntos da cidade e também de outros lugares. As pessoas iam também para os clubes de dança, com destaque para o Picoense Clube, que só permitia a entrada para as pessoas que fossem sócias. Neste sentido, podemos ressaltar que não era toda a população de Picos que entrava nesse clube, tido como “clube de elite”, devido a esse status social que lhes era imposto (o de ser sócio).

Outro importante meio de cultura que merece destaque são os cinemas, que viriam em meados da década de 40, 50 e 60, tais como o Cine Odeon, que foi o primeiro cinema da cidade de Picos, criado em meados dos anos 40 e que funcionou onde hoje se localiza a Farmácia Iná, no centro da cidade. No livro *Picos: os verdes anos cinquenta*¹⁰, o autor Renato Duarte aponta que na década de 50 havia dois cinemas: o Cine Guarany, localizado na esquina da Lourenço Pereira, conhecida como beco da praça, no prédio nº 637 da Praça Félix Pachêco, e o Cine Ideal, que fazia parte de um complexo de diversões chamado de Esquina Ideal, que incluía ainda a sorveteria Ideal, ocupando a área onde hoje funciona o Banco do Brasil¹¹. Teve ainda o Cine Alvorada, criado no final dos anos 50 para início de 60, próximo ao prédio do INSS - Previdência Social e, por fim o Cine Spark, nos anos 60, que funcionava onde hoje se encontra a Igreja Universal de Picos.

Das idealizações de Chico de Júlio na cidade, se sobressaem a amplificadora “Luar do Sertão” e o Cine Spark, do qual o mesmo foi sócio. Sem contar com o apoio de órgãos do Governo, ele financiou suas ideias e fez com que a cidade tivesse um ganho cultural. Assim, as pessoas precisam saber dessa parte da história de Picos, que não está ligada apenas ao caráter econômico, e sim cultural. Essa cultura de Picos precisa ser resgatada para que não se pense que a cidade cresce apenas em termos econômicos. A cultura de um povo é o que forma a identidade da cidade e a diferencia das demais.

Chico de Júlio, além de um dos sócios do cinema, na época era quem realizava os programas de calouros, que vieram a descobrir muitos talentos da região, como Odorico Carvalho¹², e esses programas eram realizados tanto no próprio cine quanto na amplificadora. Não temos noção de como Chico de Júlio carregava esse material, se era algo móvel, portátil. Como a transmissão era feita a partir do Cine Spark, podemos intuir que os aparelhos fossem portáteis. Imagina-se que, apesar de portáteis, fossem de tamanho grande esses instrumentos utilizados para o funcionamento das amplificadoras.

Conceição Lélis fez apresentações com sua irmã no Cine Spark nos anos de 60 a 70, mas também o fez na amplificadora:

As pessoas que ficavam em casa ouvindo pelo rádio as apresentações davam a nota e quando era no final saia os dois que tivesse a maior nota ai um ganhava em primeiro lugar e o outro em segundo. As pessoas que tavam no cinema ouviam e julgavam

¹⁰DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. rev. ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

¹¹Idem. 1995. P. 39.

¹²Ainda hoje Odorico Carvalho faz parte da construção cultural da cidade de Picos-PI. O mesmo dispõe de um programa denominado: Programa Odorico Carvalho que vai ao ar na Tv Antares (Canal 13) todas as sextas às 22h00min com apresentações artísticas de grupos culturais da cidade de Picos, bem como das cidades circunvizinhas (danças, artistas musicais, apresentações teatrais, desfiles, entre outros).

pra dar a nota do artista ai eles somavam e quem ganhasse levava prêmio. Eu cantava com minha irmã lá e a gente já ganhou muita sandália, a sapataria ofertava e a gente ganhava. Agora como era eu e minha irmã um domingo eu ficava com o sapato e no outro ela ficava. Mas tinha as apresentações na rádio, num era só no cinema não. No rádio as pessoas julgavam de casa, davam a nota sem ver quem tava cantando, mas se gostasse da voz dava a nota. Eu achava melhor cantar no estúdio da rádio. Na hora lá no cinema dava aquele nervoso né? Aquele frio na barriga e todo mundo olhando (risos). (LÉLIS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Em meados da década de 70 a amplificadora Luar do Sertão deixou de existir. *Quando foi de 60 pra 70 acabou as amplificadoras. Até porque foi chegando a inovação e Chico de Júlio foi embora né? Pro Maranhão. Aí depois que veio a Rádio Difusora e outras rádios que tem aqui.* (LUZ, 2013, depoimento concedido à Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

O ideário de Chico de Júlio era levar momentos de lazer e descontração à cidade, por isso ainda hoje seu nome é lembrado, como aquele que foi precursor da comunicação em Picos. O papel desempenhado pela amplificadora foi de suma importância para instigar outras pessoas a investirem em meios de comunicação que pudessem levar as informações a mais pessoas, o que ocorreu posteriormente com as emissoras de rádio que vieram a se fixar na cidade e com uma abrangência maior, como é o caso da Rádio Difusora de Picos.

Muito mais que levar informação e divertir através das músicas, a amplificadora cumpriu seu papel e deve ser considerada como a primeira experiência de rádio da cidade. O som que estava nas ruas foi para as casas e continuaram existindo programas de notícias, programas de música e programas religiosos.

O som que se faz ouvir na cidade agora é o da Rádio Difusora modulada na frequência AM. Ainda que essa seja considerada como a primeira rádio de Picos, não podemos desconsiderar a experiência de transmissão radiofônica ocorrida na cidade proporcionada pelas amplificadoras de “Chico de Júlio”.

1.2 Rádio Difusora de Picos AM/ Frequência 920 KHZ.

O ano de 2009 contou com as comemorações de 30 anos desse que hoje é considerado o sistema de comunicação de Picos agregando o Portal Grande Picos, Rádio Liderança FM e a Difusora AM¹³.

O portal FCS traz informações de como se deu a primeira transmissão:

¹³A Rádio Difusora de Picos quando da sua implantação na cidade pertencia a Helvídio Nunes de Barros e hoje tem como diretor Carlos Luís Nunes de Barros, seu filho.

Considerada como “uma escola de rádio”, a primeira emissora de Picos e região, a Rádio Difusora de Picos foi inaugurada no dia 29 de julho de 1979 com a transmissão da missa das 09 horas da manhã diretamente da Igreja Catedral de Nossa Senhora dos Remédios. À tarde, aconteceu a transmissão do jogo entre a Sociedade Esportiva de Picos e o Tiradentes, de Teresina, direto do Estádio Municipal Helvídio Nunes, com narração de Libório Santos, comentários de Enéas Leal e reportagem de campo, Odorico Carvalho¹⁴.

As características a serem destacadas dessa primeira transmissão denotam mais uma vez a importância da religiosidade na cidade, que tinha por referência a missa das 09h00min, que ocorria aos domingos na Catedral de Nossa Senhora dos Remédios. Essa transmissão da missa fez com que as pessoas que moravam na zona rural de Picos e tivessem rádio pudessem ouvi-la. O mesmo ocorreu com o futebol. Quem não se encontrava no estádio Helvídio Nunes em Picos pôde acompanhar a transmissão futebolística via rádio. Ênfase as pessoas da zona rural da cidade, porque a amplificadora não tinha um alcance fora do espaço urbano, e com a vinda da rádio foi possível para os interioranos acompanharem as notícias através do rádio.

A rádio Difusora de Picos é considerada a primeira emissora de rádio da cidade de Picos. O sentido aqui empregado de pioneirismo é por conta de a rádio Difusora ter sido a primeira a possuir um estúdio, a primeira a ter sua transmissão feita por ondas e não mais por fios, como ocorria com as amplificadoras, mas não desconsideramos a contribuição significativa dada pelas amplificadoras nas décadas de 50 a 70. Quando da vinda da rádio Difusora, a cidade já contava com energia elétrica, possibilitando, assim, a montagem de um estúdio com todo um maquinário característico das rádios e com uma transmissão abrangendo toda a microrregião de Picos.

Em relação à programação da rádio Difusora, percebemos que programas como A Hora do Ângelus iriam ressurgir nessa rádio, e com as mesmas características de quando existia na Amplificadora “Luar do Sertão”. Com o mesmo horário, mesma temática, mesma música. Apesar de terem nomes diferentes, continuaram a existir programas de música, noticiários, avisos de aniversário e de morte.

Oneide Rocha fala sobre os programas que eram transmitidos na rádio Difusora quando da sua implantação na cidade:

Tinha os violeiros às 05h00min da manhã; tinha o programa Manhã Total que era feito por Erivan Lima de 08h00min da manhã até as 11h00min. Aí 11h00min horas da manhã tinha o Correspondente do Interior que era José Elpídio quem transmitia e esse programa era o meio de comunicação de toda região porque não tinha a telefonia fixa em 79, pois era muito precária, muito cara. Depois foi que veio chegar.

¹⁴Disponível em: <http://portalfcs.com.br/home.php?c=nd&id=4770>. Acesso em: 21 de dezembro de 2013.

Meio dia tinha o noticiário e a tarde tinha o programa de José Elpídio que tinha até uma música:- Viva a Zé Elpídio que está na Difusora. – Aí depois tinha de novo o Correspondente do Interior das 17h00min as 18h00min da tarde quando começava a Hora do Ângelus. (ROCHA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Destaca-se na fala da entrevistada o Correspondente do Interior que é um dos poucos programas existentes desde a fundação da rádio Difusora de Picos. O próprio nome do programa já denota a intencionalidade de se realizar uma comunicação com a zona rural da cidade. Era o interior que se aproximava da cidade através dos avisos, pois o Correspondente é um programa de avisos que vão desde a utilidade pública até festas, anúncios de morte, serviços comerciais, dentre outros.

O programa Corresponde do Interior conta com uma transmissão das 11 horas às 12 da manhã, que é a primeira edição, e outra das 17 horas as 18¹⁵, que corresponde à segunda edição. Os avisos são levados pelos ouvintes, escritos à mão ou digitados e a recepcionista encaminha para os locutores fazerem a transmissão. Tem um custo para serem veiculados, e o valor varia de acordo com o caráter da informação.

Não só o rádio, mas também o próprio programa passaram por transformações ao longo desses 34 anos de existência na cidade de Picos. João Rodrigues, atual locutor do programa Correspondente do Interior, fala um pouco das mudanças que ocorreram:

Com a evolução das comunicações teve que mudar também como a gente comunica no Correspondente. No começo, até metade dos anos 90, alguém vinha do interior pra Picos aí não podia voltar naquele dia aí vinha aqui no Correspondente e dizia: - Olha avisa aí meus familiares em tal lugar que eu não posso ir hoje por isso e aquilo... Quando nascia uma criança no Hospital aí vinham colocar o aviso que havia nascido uma criança aí dizia o sexo, quanto pesava. Avisava pros familiares no interior que a mãe e a criança tavam passando bem, ou não. Tinha nota de falecimento né? Falecia alguém aí os parentes vinham colocar o aviso. Nota de nascimento é algo que não existe mais no programa, e falecimento ainda colocam aviso aqui. (SANTOS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Antes se tinha nota de nascimento, hoje não tem mais. Percebo que não se teve apenas uma evolução nas comunicações, como o entrevistado acima faz menção, mas também uma mudança de hábitos. A sociedade muda de hábitos com o passar do tempo por conta de contextos sociais diferentes, por conta de novas necessidades que surgem e devem ser adequadas a esses contextos. Uma pessoa que chegava de São Paulo, por exemplo, enviava o

¹⁵Esses horários são os mesmos das primeiras transmissões do Correspondente do Interior. Apesar de mudado o caráter dos avisos, o horário de transmissão permaneceu inalterado por todos esses anos de existência do programa.

aviso a seus familiares pelo rádio, de que havia chegado e que esperava que alguém o fosse buscar na cidade. E o que acontecia depois? O locutor transmitia o aviso, mas não sabia se o destinatário iria ouvir. A expectativa era de que alguém ouvisse e repassasse o aviso para que o desfecho fosse satisfatório.

O Correspondente informa desde avisos de documento perdido até anúncios festivos e nesse sentido o programa vai ao encontro das necessidades da população tanto do campo quanto da cidade, muito embora o público ouvinte se concentre em sua maioria nos interiores de Picos.

Se nos primeiros anos de existência os avisos do Correspondente do Interior diziam respeito a animais que haviam se perdido, pessoas que vinham para a cidade e não poderiam voltar no mesmo dia; hoje os avisos dizem mais respeito a objetos perdidos e festas nas comunidades. Apesar das mudanças em relação aos avisos uma característica importante do Correspondente é o mesmo não ter deixado de existir na rádio Difusora e ainda se fazer tão importante quanto era nas décadas de 70, 80 e 90, sendo um programa ainda bastante ouvido.

Outra característica que perdurou ao longo desses 34 anos de existência do Correspondente do interior é a preservação do toque de abertura. *É um ritmo característico do programa. E quando a gente ouve já sabe que o Correspondente tá no ar* (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Hoje o programa conta, além da transmissão radiofônica, com uma transmissão via Portal Grande Picos, que é um site que foi criado há pouco mais de dois meses para inserir a programação da rádio Difusora e possibilitar que mais pessoas tenham acesso às informações veiculadas, porém os avisos só podem ser feitos na própria sede da rádio devido aos custos.

Existe uma relação calorosa entre os ouvintes e os locutores¹⁶. Suziana de Sousa, locutora do programa, fala um pouco dessa relação ouvinte/locutor:

A vida no rádio é muito bom né? Tem esse diferencial da gente tá em contato com os nossos ouvintes a vários quilômetros de distância e faz também com que eles tenham essa curiosidade de conhecer a voz que tá no rádio. É uma relação próxima. Eles têm curiosidade também em saber como é a vida da gente, a família né? Tem gente que liga todos os dias pra gente. (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

O convívio, muitas vezes diário, entre quem fala e quem ouve, faz com que sejam criados laços de proximidade. Por isso a fala de Suziana é significativa no sentido de denotar

¹⁶Tive a oportunidade de assistir no estúdio uma dessas transmissões do programa. Era um dia de segunda-feira. Dia esse que, segundo os locutores, é o dia de “menor quantidade de avisos para ser divulgados”. Pude perceber a relação dos locutores com os seus ouvintes, a proximidade que o rádio proporciona apesar da distância e de como os locutores tem o cuidado ao veicular as informações e atender às expectativas de seus ouvintes.

que o ouvinte quer saber da vida do locutor porque ele sente que o mesmo faz parte das suas vivências. Dona Maria de Lourdes encontra no rádio a companhia que preenche a solidão dos seus dias. No momento em que a fala do locutor, que entra nos lares das famílias, ela encontra um espaço para se constituir, pois quem está ouvindo espera poder participar daquela fala, se encontrar naquela fala. Os avisos servem não somente para informar, mas também para constituir o que os ouvintes querem ouvir, já que são eles que fazem os avisos transmitidos no programa.

O modo como o locutor João Rodrigues cumprimenta os ouvintes é algo característico¹⁷. Pode-se perceber que o locutor se dirige às pessoas do campo com carinho, se fazendo próximo delas. *Atenção! Atenção! Começam os avisos.* A partir daí são feitos os avisos de interesse não só das pessoas do campo, mas também da cidade. Há ouvintes que ligam nos intervalos pedindo alô¹⁸. São transmitidos resultados de jogos, como o jogo do bicho, que é ilegal, mas faz parte da cultura popular; tem avisos de documento perdido; de remédio; de cartomante; convite de visita (relativo a falecimento); avisos de festa; tem músicas no final do programa.

Percebemos que o rádio tem uma linguagem própria que o diferencia dos demais meios de comunicação. A linguagem radiofônica, bem o sabemos, reúne elementos da oralidade. Sendo linguagem falada, ainda que, ao narrar, o locutor venha a se apoiar em texto escrito, o espaço simbólico que daí resulta permite a inserção de componentes que vão além do simples gosto por ouvir rádio. Na ausência de imagens eletrônicas, o rádio passa a evocar situações próprias do imaginário do ouvinte. (GOMES. S/D. p. 01).

Nas palavras de Chantler e Harris:

O rádio é um meio muito pessoal. O locutor fala diretamente para o ouvinte. É muito importante considerar cada ouvinte como se fosse uma única pessoa. Quando você fala no rádio, você não está falando para as massas por meio de um gigantesco sistema de transmissão de mensagens. Você está falando para *uma* pessoa, como se estivesse conversando com ela, bebendo juntos uma xícara de café ou um copo de cerveja (CHANTLER; HARRIS. 1998. p. 21).

Trabalhar com a fala no rádio é ter o cuidado constante de se fazer entender por quem está na escuta. Ainda que se apoie em linguagem escrita é a oralidade que se faz presente nas transmissões radiofônicas e os ouvintes ainda que não possam ver quem fala, se utilizam da

¹⁷*Bom Dia a você meu amigo homem da roça, minha amiga trabalhadora está no ar o Correspondente do Interior há 34 anos avisando o povo do sertão...*

¹⁸O alô corresponde a um abraço, um cumprimento. – Manda um alô para mim, para meus familiares...

imaginação. *Eu não sei quem tá falando né? Mas eu posso imaginar só pela voz.* (SOUSA, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

A personalidade presente no rádio faz com que ouvinte/locutor estejam próximos e faz com que cada ouvinte seja único, ainda que a mesma mensagem esteja sendo transmitida para várias pessoas de diferentes idades, sexo ou credo religioso, mas o locutor tem essa característica de falar aos ouvintes considerando-os únicos. Ele fala como se estivesse frente ao ouvinte tomando café com ele, como diz os autores Chantler e Harris.

Sobre o fator “curiosidade” e a responsabilidade do radialista, presentes no rádio, nas palavras de Conceição Lélis:

O rádio aproximava muito as pessoas principalmente a curiosidade de conhecer a pessoa que tá falando. Eu gosto mais de rádio do que de televisão. Por exemplo, o cantor que se apresenta hoje na televisão a maioria é dublando, só abrindo a boca e fechando. A responsabilidade do radialista é muito grande porque na televisão se muda de apresentador e eles tão dizendo ali, mas no rádio o apresentador que deixa de apresentar o programa o pessoal já começa a estranhar: - Cadê o locutor? Você vê aquele pessoal lá do interior rapando mandioca com um rádio no meio ouvindo, esperando a missa. (LÉLIS, 2013, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Essa aproximação proporcionada pelo rádio pode ir além do fator curiosidade, de querer saber quem está falando. Os locutores criam um vínculo com os ouvintes quando se utilizam de uma linguagem próxima a eles, quando se fazem entender em suas transmissões muitas vezes diárias. E quando faltam, por algum motivo, os ouvintes sentem, porque se criou esse vínculo afetivo, o vínculo caloroso que a rádio é capaz de transmitir.

O rádio, ao mesmo tempo em que aproximava as pessoas por meio da comunicação, era também um objeto que se destacava nas salas das casas de Picos. Ligar o rádio e ficar perto ouvindo era como ligar hoje uma Televisão e ficar vendo, só que era diferente, porque não se via quem estava falando, mas se imaginava. Essa característica foi imprescindível, para que o rádio não fosse perdendo espaço, nem com o advento da televisão nas residências. Tinha programas como, por exemplo, o do meio dia, que veiculava as notícias da cidade e reunia as pessoas em casa, em especial os mais velhos, mas também os mais jovens, ao redor do rádio para ouvir o noticiário. As notícias locais e também as nacionais circulavam através das ondas do rádio. As músicas envolviam os ouvintes, alegravam, emocionavam; os jogos reuniam as pessoas, que vibravam, torciam pela vitória. E os avisos têm sua importância, no momento em que fazem a comunicação entre o espaço rural e urbano.

Nesse capítulo percebemos as formas de comunicação presentes na região de Picos-PI, os programas que eram transmitidos e como as pessoas faziam circular as notícias; quais suas emoções através do rádio (religião, futebol, músicas, radionovelas); de que forma podem resolver seus problemas concretos através do mesmo (eram as reclamações, as participações ao vivo); a importância das amplificadoras como primeira experiência de comunicação na cidade; a novidade percebida por quem não conhecia essas caixinhas de som; entrando um pouco no programa Correspondente do Interior, que será mais bem estudado no segundo capítulo, onde pretendo analisar as vivências, sensações, memórias, dos ouvintes e de como os avisos desse programa são importantes para as pessoas que veem no rádio um instrumento no qual se apropriam para resolver suas urgências.

2. PROGRAMA CORRESPONDENTE DO INTERIOR: 34 ANOS DE HISTÓRIA, VIVÊNCIAS E COMUNICAÇÃO NA REGIÃO DE PICOS - PI.



Figura 01: Referente aos municípios que se encontram localizados na região de Picos-PI¹⁹.

O mapa mostra em termos geográficos a localização de cidades que diretamente dependem de Picos, seja pelos aspectos econômicos de que a cidade dispõe, seja pelos serviços de comunicação da mesma, sendo que a Difusora de Picos, após 34 anos de existência, é referência para as relações estabelecidas entre os municípios. A importância que os ouvintes atribuem é a de que essa rádio, apesar de não ser comunitária, serve aos interesses de quem está na escuta, e quem está na escuta é a própria comunidade que faz acontecer o que é transmitido.

Dentre os programas de que a rádio Difusora dispõe, faz-se importante uma análise do programa de avisos Correspondente do Interior que, durante esses 34 anos, atuou como um elo de comunicação entre as famílias e as comunidades e que, além de repassar os avisos, foi

¹⁹ A área territorial inicial definida pelas Divisões Administrativas para o município de Picos era da ordem de 4.756 Km² e permaneceu incólume por muitos anos. Desde a última divisão administrativa até os nossos dias, vários distritos foram desmembradas do município de Picos. **Observação:** Em 1994, os municípios de Geminiano e de Paquetá (Paquetá de Ducha) foram também criados, e Sussuapara no ano de 1995, sendo instalados oficialmente, todavia, em 1997, com a posse dos seus primeiros governantes, eleitos nas eleições de 1996, O município de Aroeiras do Itaim foi instalado em 1 de Janeiro de 2005. Ficando o município de Picos, depois de todos esses desmembramentos para constituição de novos municípios, com a área com menos de 800 Km². Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Picos>. Acesso em: 09 de maio de 2014.

um programa que promoveu reencontros entre pessoas que estavam sem contato com seus familiares residentes na zona rural de Picos.

Como já foi mencionado no capítulo anterior, o programa Correspondente do Interior é um dos poucos programas que existem desde a fundação da Difusora. Neste período, tem mudado apenas algumas características referentes à comunicação (caráter dos avisos, que vieram a sofrer alterações com o passar do tempo e *a evolução das comunicações*, como bem mencionou o locutor do programa João Rodrigues²⁰; a abordagem dos locutores onde cada um tem seu jeito próprio de se comunicar; equipamentos mais modernos que vieram a melhorar a comunicação ocorrida no Correspondente) e preservado, no entanto, a música de fundo²¹ que, quando os ouvintes ouvem, já sabem que o programa está no ar, os horários de transmissão, que são de segunda a sexta, tendo sua primeira edição das 11 horas da manhã às 12, e a segunda edição de 17 horas às 18h.

Os entrevistados que estão presentes nesse capítulo são habitantes da zona rural e que nos primeiros anos do Correspondente ouviam o rádio por meio de *radinhos de pilha* uma vez que o processo de eletrificação rural se deu de forma progressiva, ocorrendo em uns interiores primeiro e em outros depois. Mas na cidade também não era diferente. A energia dos primeiros anos vinha de usinas termelétricas movidas em sua maioria a óleo.

Sobre o processo de Eletrificação do Estado do Piauí destaca-se que *apenas na década de 60 os serviços de eletricidade foram impulsionados de forma irreversível, com a criação da Centrais Elétricas do Piauí - CEPISA, Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste - CERNE e Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança - COHEBE, as duas primeiras como distribuidoras e a última como geradora. A partir de então, iniciou-se a construção de um sistema integrado de produção, transmissão e distribuição de energia elétrica, para todo o estado, executado em padrões técnicos. Em 1973, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF encampa o acervo da COHEBE e passa a ser a única concessionária de geração e transmissão de Energia no Nordeste*, de acordo com dados do Diário Oficial da União²². Nos primeiros anos a energia elétrica era precária. Os postes de madeira faziam com que fossem constantes as quedas de energia.

Segundo Albemerc Moura de Moraes em sua dissertação de Mestrado nos anos de 1970 a 1982 foram realizadas obras importantes de infraestrutura elétrica no Estado do Piauí.

²⁰ *Com a evolução das comunicações teve que mudar também como a gente comunica no Correspondente.* SANTOS, João Rodrigues dos. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2014.

²¹ *O fundo musical do programa é o mesmo de quando começou. Quando a gente ouve já sabe que é o Correspondente.* VELOSO, Maria das Dores Leal. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Sussuapara-PI. 2014.

²² DOU (Diário Oficial da União). p. 18, seção 03, Nº 115. 2000.

A cidade de Picos encontra-se incluída nesse processo realizado inicialmente pela empresa CEPISA, como se pode ver na tabela 01:

Linhas-tronco em 69 KV e respectivas subestações abaixadoras (69/34.5/13.8 KV):
- UHE Boa Esperança/Bertolínia/Eliseu Martins/Bom Jesus - Oeiras/Simplício Mendes/São João - Picos/Mandacaru

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados de Sobral (1982) ²³.

Além da CEPISA, a empresa CHESF também foi responsável pela criação de subestações e linhas de transmissão que viriam a melhorar a qualidade energética do estado do Piauí. Destaca-se o ano de 1996, pela construção da linha de transmissão em 69 KV Picos/Itapissuma – 110 km e a subestação Junco²⁴. Como pode ser visto nos dados do Diário Oficial da União, a CHESF, a partir de 1973, passou a ser a única concessionária de geração e transmissão de energia no Nordeste. Fato que se estende aos dias atuais.

Nos anos seguintes a 1996 aconteceu a construção de subestações no estado, com o intuito de ampliar a oferta de energia, e em 2006 teve início o projeto de implantação do programa Luz para Todos, que estendeu a energia elétrica para regiões na zona rural que ainda não dispunham de eletricidade, como foi o caso do povoado Carvalho, localizado a 12 km do município de Bocaina do Piauí, que veio a receber energia elétrica no ano de 2006. A vinda da eletricidade possibilitou aos moradores de Carvalho a aquisição de eletrodomésticos como: geladeira, aparelhos de som, liquidificador, entre outros. O rádio, que antes era alimentado somente a pilha, agora poderia ser alimentado por energia elétrica.

A estrada que dá acesso ao povoado Carvalho foi construída na década de 80, por conta da construção da Barragem de Bocaina. É uma estrada de terra, com um trecho que requer um cuidado maior, pois de um lado é a barragem e do outro existem montanhas; além disso, a estrada possui três ladeiras altas. A construção dessa nova estrada se deve ao fato de a estrada antiga ter sido destruída pelas águas do sangradouro²⁵ da Barragem.

²³SOBRAL, C. A. **CEPISA Evolução Histórica**. Teresina: 1982. In: MORAES, Albemerc Moura de. **Aplicações da tecnologia solar fotovoltaica no Estado do Piauí: barreiras e potencialidades**. Santo André - SP: (Dissertação de Mestrado/ABC), 2009.

²⁴MORAES, Albemerc Moura de. **Aplicações da tecnologia solar fotovoltaica no Estado do Piauí: barreiras e potencialidades**. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. Centro de Engenharias, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas. Curso de Pós-Graduação em Energia. Santo André – SP, 2009.

²⁵A água que descia do sangradouro foi que destruiu a estrada antiga com a abertura de um barrocão. BARROS, Maria de Fátima. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Bocaina-PI. 2014.

Para além das estradas e energia dos municípios que cortam a região de Picos, existem os ouvintes do Correspondente do Interior, que a partir de suas vivências constroem relações importantes com o rádio. Suas falas denotam o quanto é importante esse meio de comunicação, que, ao tempo em que informa, consegue divertir e trazer sensações que só o rádio é capaz de proporcionar.

2.1 Quem trabalha até 11 horas o conforto é o almoço e o Correspondente.

Nenhum programa de rádio se faz sem os ouvintes. Partindo desse pressuposto, procurei investigar, analisar e perceber os sentimentos e as vivências dos ouvintes entrevistados em relação ao programa, bem como quem são os ouvintes do Correspondente do Interior e há quanto tempo ouvem esse programa.

O senhor José Olímpio Gomes residente na localidade Carvalho zona rural que fica a 12 km de Bocaina - PI faz menção aos avisos que ocorriam nos primeiros anos do programa Correspondente do Interior em Picos:

Na época quando começou o programa era assim o Correspondente era de aviso, avisando o que tava acontecendo. As vezes um adoecia ai precisava internar e avisar pra família, quando morria aí mandava avisar, outros iam pra resolver um negócio na cidade aí não dava pra voltar no mesmo dia, botava o aviso pra os familiares. Outra vez vinha um de São Paulo porque ia muita gente pra lá por causa de emprego né? Que era mais difícil arrumar aqui aí quando voltava ligava pra rádio pra passar o aviso de que a pessoa havia chegado. Quem chegava de São Paulo com uma condição melhor fretava um carro e os que não tinha vinha de animal, de jumento. Os que ganhava bem quando chegava aqui queria mostrar que mudou de condição (risos). (GOMES, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI).

As pessoas das cidades circunvizinhas tinham o hábito de vir a Picos resolver negócios, ou mesmo trabalhar, estudar, como ainda ocorre nos dias atuais. Mas se visualizarmos a região de Picos em termos de comunicação, nos anos de 70 a 80, pode-se perceber que o Correspondente do Interior teve um papel significativo na vida das pessoas do campo.

Quantas vezes uma pessoa vinha à cidade e ficava doente. Se for preciso internar, como avisar aos familiares? Indo à rádio. Do mesmo jeito acontecia com as pessoas que iam para São Paulo ou outros estados do país, quando do retorno utilizavam o programa para informar sua chegada. Por uma questão de *status*, quem ganhava bem em São Paulo, quando chegava aqui, queria mostrar sua boa condição financeira, pois comunicar a chegada por meio

do rádio era também uma maneira de se sobrepor às demais pessoas, que aqui ficaram e que não conseguiram melhorar de vida.

Muitos iam a São Paulo com a ilusão de que lá poderiam enriquecer, mas muitas vezes tal fato não ocorria. *São Paulo é terra que leva os iludido e traz os arrependido. Vi muita gente aí que foi só sofrer e nem condição tem de voltar.* (NETO, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI). Quem não voltava talvez não fosse só porque não tinha condições financeiras. A adaptação em outro lugar também pode ser por conta do comodismo, por pensar que aqui não teria melhores condições do que se tem lá.

Às vezes os familiares não estavam na escuta, mas sempre tinha alguém, até mesmo de outra comunidade, que pegava o aviso e repassava ao destinatário. E quando não aparecia ninguém? A pessoa tinha de passar a noite na rádio ou na rodoviária e esperar que no dia seguinte alguém aparecesse para fazer sua condução até a localidade onde morava sua família. José Olímpio Gomes continua seu relato mencionando outros avisos que eram frequentes no Correspondente:

Gente que perdia um objeto ou mesmo animal colocava o aviso pra quem encontrasse avisar. As vezes o dono num ouvia, mas os conhecidos ouvia e repassava o aviso: - Quem encontrar objeto tal, animal tal, por favor entregar ao destinatário e será bem gratificado. (NETO, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI).

Os avisos de documentos ou animais perdidos muitas vezes não eram ouvidos pelos donos que punham o aviso na rádio, mas por seus vizinhos, que, estando na escuta, ouviam e repassavam o aviso. Muitas vezes pessoas de outra localidade ouviam o aviso e iam comunicar ao destinatário. Seu José Olímpio disse que frequentemente se deslocava para outros povoados vizinhos a fim de comunicar os avisos de seus conhecidos ou parentes, já que ele havia ouvido no Correspondente.

Podemos perceber que os avisos se faziam importantes até para as pessoas que não estavam envolvidas nesses avisos, pois o simples fato de conhecer a pessoa à qual o aviso se destinava era motivo de se deslocar de sua localidade para repassar o aviso. Essas relações formadas pelo rádio faziam com que as pessoas estivessem mais próximas umas das outras. Aproveitava-se o ensejo da visita, para conversar sobre outros assuntos do cotidiano, tomar um café com aquela pessoa com quem há dias não tinha contato. Esses fatores são importantes na construção das vivências dos interioranos, que encontravam meios de fazer com que as informações circulassem. Esses fatos mostram a formação que se tinha de uma rede de sociabilidades e solidariedade entre as pessoas.

A comunicação entre as pessoas, tanto as que pegavam o aviso e repassavam, como os destinatários, que não estavam ouvindo rádio no momento em que o aviso foi passado, é riquíssima e composta de valores que caracterizavam as sociedades dessa época. Não é difícil imaginar a alegria proporcionada pelos bons avisos que a rádio transmitia, como também, a tristeza proporcionada pelos avisos pesarosos. A comunicação entre as pessoas, seja as que pegavam o aviso e repassavam, seja as que não estavam ouvindo no momento em que passou o aviso para elas, é riquíssima e composta de valores que caracterizavam as sociedades dessa época. Não é difícil imaginar a alegria proporcionada pelos bons avisos que a rádio transmitia, como também, a tristeza proporcionada pelos avisos pesarosos.

Quando não se punha o aviso no rádio os vizinhos faziam a comunicação entre si, por exemplo, de que fulano de tal, em tal período precisaria de um número x de pessoas para trabalhar em sua farinha. *Às vezes avisava até chamando gente pra trabalhar nas farinha, mas era mais difícil (risos). Aí o pessoal aqui do interior dizia: - Ah! Só se vê chamando gente pra brincar, pra trabalhar ninguém chama.* (GOMES, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI). Quem já foi ao interior na época de farinha sabe a alegria predominante entre os trabalhadores que exercem suas funções com afinco e, fazem com que produtos da terra como é o caso da mandioca, se transformem em goma e farinha, que vão alimentar muitas famílias, tanto do meio rural quanto do meio urbano.

Maria das Dores Leal Veloso também fala de como eram os avisos nos primeiros anos de existência do Correspondente do Interior:

Quando a mulher ia ganhar menino aí tinha um aviso: fulana de tal ganhou menino do sexo feminino e ambos passam bem. Chegava um de São Paulo lá das brenha num sei da onde: Atenção! Atenção! Fulano de tal em Riacho num sei da onde avisa que ciclano chegou de São Paulo tal hora em Picos. Aguarde chegada. Venha encontrar ciclano em um jumento com uma carga na ladeira tal. Porque naquela época o meio de transporte desses interiorão aí era o jumento. Desaparecia um animal aí tinha o aviso. Atenção quem suber do paradeiro duma vaca. Aí dizia a cor da vaca. Quem suber do paradeiro informar a fulano tal, aí dizia o nome do dono, que será bem gratificado. Aí uns dizia a importância e otros num dizia. Era o documento do mesmo jeito. Bicicleta aí tinha a cor, o ano e o número do quadro. (VELOSO, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI).

A subjetividade presente nos avisos faz com que percebamos os sentimentos atribuídos através do rádio, esse meio de comunicação que se torna humano quando relata acontecimentos do cotidiano das pessoas. O nascimento de uma criança era anunciado no rádio, e esse aviso era carregado de alegria e emoção, pois quem estava na escuta aguardava

por boas notícias. O rádio se humaniza quando traz para o primeiro plano o dia-a-dia de seus ouvintes: o que é importante em suas vidas, os momentos, sobretudo de alegria porque passam, além de viabilizar a sociabilidade e a solidariedade entre as pessoas.

Ao serem entrevistados, os ouvintes deixam transparecer os significados desses avisos em suas vidas, o que representavam naquele momento e como eles são lembrados hoje. Alguns ouvintes entrevistados se emocionam ao lembrarem fatos que, muitas vezes, não aconteceram com eles ou com alguém de sua família, mas que faziam com que fosse criado um sentimento que os fazia pertencer àquele momento por que estava passando o seu semelhante²⁶.

As falas são carregadas de emoção, uma vez que relatam momentos que por vezes haviam sido vividos por outras famílias, mas que faziam com que se ficasse feliz por aquela família que estava vivenciando um bom momento. A chegada de pessoas de São Paulo, retornando a suas casas, era motivo de festa nas famílias, que se preparavam para essa chegada. E não era só a família que se preparava, mas também a própria comunidade. Essas boas novas eram carregadas de sentimentos que, para quem os vivenciou, assumem significados importantes em sua vida.

Em outra passagem a ouvinte relata uma vivência ocorrida em sua família:

Teve um caso que eu achei assim... A gente ficou admirado, surpreso, porque nessa época não tinha celular ainda não. Eu tinha uma cunhada que tava grávida e a gente pensava que era só de uma criança. Ela pequenininha e a barriga pequenininha. E isso foi no dia 8 e nós tava na casa da minha tia almoçando aí quando passou o aviso na rádio que ela já tinha ganhado neném aí avisou que eram duas crianças. (VELOSO, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI).

A notícia pegou de surpresa a família que esperava apenas uma criança, mas que ao mesmo tempo foi motivo de alegria. A alegria proporcionada pelos avisos fazia com que as famílias estivessem unidas nesse momento, e esse contato entre pessoas proporcionado pelo rádio faz com que possamos perceber o quanto eram significativas as relações estabelecidas naquele período.

Muitas vezes as famílias estavam distantes, mas o nascimento de uma criança fazia com que elas se aproximassem, para compartilhar esses momentos que eram significativos na vida dessas famílias. Tal vivência se faz presente na memória da ouvinte entrevistada que fez

²⁶Esse “colocar-se no lugar do outro” é algo característico que eu pude perceber na fala dos ouvintes entrevistados.

com que caíssem as lágrimas de seus olhos ao recordar o falecimento de uma das crianças com a idade de 15 anos.

O programa contava ainda com avisos sobre pessoas que haviam desaparecido. Segundo o ouvinte Cândido da Rocha Neto:

Avisa até uma pessoa que tava aí escondido da família ou fugido, refugiado, pra saber o que aconteceu. A pessoa era procurada. O Correspondente botava o aviso: - Procura-se o paradeiro de fulano de tal, de localidade tal, quem souber notícia entre em contato. (NETO, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI).

Os avisos que noticiavam as pessoas desaparecidas eram comuns no programa, pois muitas delas iam para São Paulo e não avisavam à família. Segundo o ouvinte, essas pessoas retornavam muitos anos depois, ou nunca retornavam por conta da falta de condição financeira, ou mesmo porque vinham a óbito e a família ficava sem notícias. Já as pessoas localizadas iam à portaria da rádio e mandavam aviso para que os seus familiares soubessem do seu paradeiro. A pessoa colocava o aviso e ficava esperando aqui o retorno da família. Às vezes ficava de um dia para o outro e ia para a rodoviária passar a noite, quando não tinha conhecidos morando aqui, e no outro dia cedinho voltava para a rádio para esperar alguém da família.

Se a pessoa tivesse dinheiro pagava uma pensão, se não, ficava na rodoviária. Algumas fugiam porque contraiam dívidas e não se sabia onde estavam. *Às vezes sai notícia de parente da gente e a gente fica sabendo do acontecido pelo programa*, diz o ouvinte. Tal fato justifica o apego que muitas pessoas tinham ao rádio, esse meio de comunicação que poderia dar notícias de seus familiares, de pessoas que se encontravam distantes, mas que, quando do seu retorno, queriam avisar que haviam chegado. A localização geográfica de Picos também contribuiu para que a cidade se tornasse ponto de encontro de várias famílias.

Havia também casos em que uma pessoa que não tinha contato com a família há muitos anos, retornava para Picos e procurava saber se os familiares ainda residiam no interior em que a pessoa deixou quando foi embora.

Segundo Rosa Maria, que trabalha na parte administrativa da rádio Difusora de Picos:

A rádio Difusora ajudou, promoveu o reencontro de várias pessoas né? Tanto uma pessoa vindo aqui e dando a notícia aí dava número de telefone para contato, e colocava o aviso de que tava morando em lugar tal, estado tal e que procurava a família dele que tinha deixado aqui aí dizia mais ou menos a localidade que os familiares moravam. Teve pessoas aqui que tava com mais de 30, 40 anos que tinha saído e quando chegava realmente achava tudo diferente. (BESERRA, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Na rádio não existem registros por escrito sobre os reencontros ocorridos, mas não é difícil imaginar a alegria dos familiares, ao reencontrarem uma pessoa que não viam há mais de 30 anos. E quantas mudanças ocorreram nesse tempo: a cidade já não é a mesma, tampouco as pessoas e suas localidades. Uma roça aqui, uma casa nova ali. Assim como o espaço urbano, o espaço rural também sofre alterações e os modos como as pessoas modificam seus ambientes denotam certa “adaptação” às novas formas de se relacionarem entre si e com o meio ao qual estão inseridas.

Esses reencontros entre as famílias eram carregados de muita emoção. Qual não era a reação de um pai ao reencontrar seu filho que estava há anos longe de casa, que não teria retornado antes por causa das condições financeiras ou por um estado de saúde. O tempo passa, mas a saudade é sempre a mesma quando se tem um filho, neto, pai ou mãe, longe do seu convívio familiar. A rádio nesse momento assume um papel humano, ao promover esses reencontros e, mais uma vez, se destaca a característica de calor que esse meio de comunicação proporciona ao formar um elo entre famílias, comunidades e pessoas.

Rosa faz menção ainda às pessoas que não tendo condições financeiras de retornar de suas viagens vão até a rádio pedir auxílio:

Acontece assim pessoas que vai viajando, sem dinheiro, ou que as vezes foi roubado no caminho aí vem e para aqui pedindo ajuda para continuar a viagem. Quando é um valor pequeno a gente aqui da rádio mesmo pode até fazer a vaquinha e vai né? Mas muitas vezes a gente chegou a pedir: - Fulano de tal se encontra aqui, tá de viagem e tá com a família indo pra lugar tal, está sem dinheiro, foram roubados ou estão mesmo sem dinheiro né? Aí pede que ajudem. (BESERRA, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Picos-PI).

Esse fato ainda é muito comum e não só a rádio Difusora como as demais rádios de Picos por diversas vezes já fizeram campanhas para ajudar famílias que se deslocam para outros estados em busca de melhores condições de vida que acabam sendo roubadas no percurso ou que ficam sem dinheiro e, portanto, sem condições de prosseguir viagem. A análise que se faz importante aqui é que existem também intencionalidades por trás das formas de ajuda que a rádio proporciona. Com que finalidade se promove o reencontro entre pessoas, campanhas para ajudar grupos de viajantes que se deslocam de um lugar para outro sem condições financeiras?

Em minha pesquisa de campo, pude notar que a finalidade da rádio é estar inserida em todas as instâncias da vida social, seja pelos auxílios financeiros, seja pelos avisos de utilidade

pública. E essa forma de inserção advém de aspectos formadores da comunicação que se fazem através do rádio, quais sejam esses aspectos que vão ao encontro das necessidades de seus ouvintes, uma vez que os programas são feitos, programados e pensados para os ouvintes. Então não faria sentido um meio de comunicação que deixasse os ouvintes à margem do seu processo de formação. O programa de rádio adquire uma significação quando faz sentido para a vida de seus ouvintes, quando assume uma importância significativa na vida deles.

O programa Correspondente do interior tem uma importância significativa na vida de seus ouvintes. O ouvinte João de Moura Rocha fala um pouco da importância do Correspondente:

É bom pra quem mora num local distante né? As notícias são muito importante. Os locutores quando começou era José Elpídio depois mudou pra Tião Luz ai agora é João Rodrigues e Suzi Sousa. A comunicação é muito boa... Em toda região. Essa rádio aí tem a comunicação até em outros estados. (ROCHA, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI).

Além de ressaltar a importância do programa para os ouvintes que moram em um local distante, o ouvinte vai mencionar os locutores que começaram o programa. São eles: José Elpídio, hoje residente na cidade de Francisco Santos – PI (a 45 km da cidade de Picos – PI) e afastado das funções do rádio. Depois foi Tião Luz. Atualmente o Correspondente é feito pelos locutores João Rodrigues e Suzi Sousa.

O ouvinte continua seu relato dizendo que a comunicação proporcionada pelo Correspondente é muito, boa por conta do caráter informativo dos avisos e pela prestação de serviços, uma vez que quando desaparece alguém ou se perdem documentos, seja em Picos, seja em outra localidade, o aviso é feito no programa e, dessa forma, o rádio desempenha o seu papel social de não apenas comunicar através das notícias e divertir através das músicas, mas de prestar serviços à sociedade, através da comunicação feita pelos avisos. As notícias são muito importantes, diz o ouvinte. Importantes porque, como enxerga o entrevistado, talvez ele próprio não consiga imaginar um mundo onde as informações não circulam, seja através do rádio, seja nas conversas em rodas de amigos.

Seu João conta, ainda, que às 11 horas da manhã sintoniza no Correspondente e põe a rede perto do rádio. *Quem trabalha até 11 horas o conforto é o almoço e o Correspondente*, conta o ouvinte que almoça todos os dias ao som do programa.

No programa Correspondente do Interior, os ouvintes têm participação significativa, já que são eles que colocam os avisos que são transmitidos no mesmo. João Marcos da Silva,

ouvinte do programa, fala um pouco da importância que esses avisos têm para as pessoas que moram no povoado Salina, zona rural da cidade de Sussuapara, cidade essa localizada a 11 km de Picos:

Esses aviso aí são muito importante né? A coisa melhor que teve foi esse programa do Correspondente porque aí a gente pode saber das notícias sem precisar tá na cidade. E esse pessoal do interior fica sabendo das coisas né? Eu mesmo já botei aviso de festa pra gente brincar, de nota de falecimento. E eu acho importante esse aviso que quem fica lá afastado sabe de tudo. (SILVA, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI).

Na fala do ouvinte entrevistado, percebe-se a importância do programa, no sentido de comunicar às pessoas que moram no interior. Assim, ele chega a considerar o programa Correspondente do Interior como a melhor coisa que já existiu em termos de comunicação direta ao homem do campo. O ouvinte fala ainda dos avisos que já colocou no programa, que ora era de festa, motivo de alegria, ora era de falecimento de alguém próximo, momento de pesar, que ele compartilhou com os demais ouvintes do programa. Outra percepção que pode ser feita é de que os avisos assumem um significado importante no conjunto de relações que são constituídas a partir de quem faz a comunicação e de quem a ouve.

Sobre as festas anunciadas no programa, o ouvinte relatou que estas ocorriam em sua residência (na parte equivalente a um salão) e sempre eram lotadas, devido ao aviso que as pessoas ouviam no rádio: - *E sábado vai ter festa onde?* - *Ah! Na casa do Senhor João. Eu ouvi no Correspondente.* Assim diziam, segundo o ouvinte, seus vizinhos quando ia ter festa no salão de sua casa. E esse aviso era uma forma de fazer com que as festas dessem muita gente e que comparecessem pessoas, não só da própria comunidade como das comunidades adjacentes.

As festas feitas em casas eram devido à ausência de salões festivos, como se tem hoje, até mais de um clube de festa no mesmo povoado. *Mas as festa nas casas eram mais animadas do que as que você vê hoje, e naquele tempo quase não se via briga. Era tudo muito tranquilo,* segundo o ouvinte José Olímpio. E nessas festas residenciais não se aceitava trazer bebidas de fora, uma vez que, na própria residência se tinha as bebidas para a venda. Também não se aceitava o que na época as pessoas chamavam de “*mesa particular*”, onde uma pessoa ou um grupo de pessoas chegava e botava mesa no meio do salão. Essa prática era comum em muitos lugares e alguns donos de festas permitiam e outros não.

Geralmente as festividades acabavam cedo, mas quando era uma ocasião especial, como casamento ou aniversário, se costumava prolongar até quase o amanhecer do dia. A

limpeza do dia em que tinha festa ficava por conta dos moradores da casa em que ocorria a festa. Algumas vezes, os vizinhos iam ajudar, mas esse fato não era muito frequente²⁷. As festas ocorriam com frequência nos finais de semana, sempre alternando de lugar. Um final de semana era em um povoado, outro final de semana era em um diferente, às vezes perto, às vezes longe.

Havia ainda os festejos religiosos:

Quando é festejo religioso eles sempre passam o aviso. Da Bocaina eles avisam o festejo de Nossa Senhora da Conceição e aqui do nosso interior a gente manda botar o aviso também, que é assim: - A festa de Nossa Senhora de Fátima no Carvalho começa dia 04 de setembro. Aí desde que começou a rádio eles colocam assim festa tal em localidade tal, começa tal dia e termina tal dia. (SILVA, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI).

Os avisos de festejos religiosos mencionam os dias de início e término dos mesmos, mencionam ainda a localidade e o padroeiro correspondente. É comum que as pessoas se desloquem de suas localidades para participar desses festejos. Os festejos de Bocaina têm fama de serem sempre lotados de fiéis, que buscam proteção diante da santidade homenageada e graças pelas bênçãos recebidas, atraindo também pessoas que vão para se divertir nas noites de festejo, ao som de bandas locais e de bandas, muitas vezes, de outros estados, financiadas pela prefeitura. A comunicação proporcionada pelo Correspondente faz com que os eventos ocorridos no interior tenham repercussão na cidade e proporciona um elo de interação entre os interiores que formam a região de Picos.

Mas nem só de lazer e diversão se constituíam os avisos. Apesar de ocorrerem com uma frequência menor, também existiam os avisos de donos de farinhadas, que na época das desmanchas da goma e da farinha, chamavam as pessoas para trabalhar. Eram serviços que ocorriam no período de junho a julho, e as pessoas se deslocavam para outras localidades a fim de executarem as funções que lhes eram destinadas. O que se pagava por esse tipo de serviço não era muito, mas a possibilidade de conhecer novas pessoas atraía principalmente os mais jovens, que iam com o intuito de “paquerar” *as moças lavadeiras de massa*, segundo dona Rosa²⁸, que começou um namoro em um desses serviços na farinhada e acabou se casando com o rapaz que lá conheceu.

Em relação aos avisos de morte, segundo o senhor João, quando morria alguém, a casa enchia de gente. *Vinha gente até de outras localidades por causa do aviso, né?* (SILVA,

²⁷Não era frequente, mas as vezes os vizinho ajudava limpar a casa do dono da festa quando era casa grande né? E sujeira muita. BARROS, Maria de Fátima. Depoimento concedido à Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI. 2014.

²⁸MENDES, Rosa Maria. Depoimento concedido à Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI. 2014.

2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI). E quem não podia comparecer ficava sabendo através do aviso. A importância desses avisos era no sentido de reunir as pessoas em ocasiões festivas, como foi relatado acima, mas também em ocasiões fúnebres, de onde, por vezes, as pessoas que vinham de outras localidades retornavam para as suas casas após o sétimo dia do falecimento de seu parente ou conhecido. A cidade de Picos dispõe de um carro volante que faz menção às mortes ocorridas na cidade, mas, no interior e nas cidades circunvizinhas, o meio de comunicação por excelência, em relação às notas de falecimento, é o Correspondente do Interior.

Havia ainda os avisos que eram transmitidos fora de hora, ou seja, fora do horário habitual em que o programa Correspondente do Interior era transmitido, caso fosse uma emergência. Poderia ocorrer de um aviso comunicando o falecimento de alguém ser transmitido às 08 horas da manhã e as pessoas ouvirem como se estivessem ouvindo o Correspondente. Tal fato não ocorre mais, talvez por conta da infinidade de aparelhos de comunicação existente.

O que se percebe é que existia uma noção de pertencimento por parte dos ouvintes em relação ao programa, e esses ouvintes sentem falta desse período em que suas urgências eram atendidas na hora em que desejavam. *A rádio é nossa, é como se dissessem. Nós é que escolhíamos o horário dos avisos, de acordo com o caráter de urgência dos mesmos.* (SANTOS, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI). (*Grifo nosso*). Percebe-se a atuação significativa dos ouvintes no sentido de que poderiam decidir sobre a hora em que os avisos seriam transmitidos. A hora era escolhida conforme as suas necessidades. Talvez esse fato tenha sido uma das maiores transformações ocorridas no programa, bem como na relação entre os ouvintes e o rádio.

A ouvinte Maria Natércia Gomes relata uma vivência ocorrida em sua família, em relação a um aviso transmitido fora de hora:

Tinha as horas certas de passar o aviso, mas quando aparecia uma urgência eles passavam antes da hora. Aí às vezes a pessoa num tava em casa aí não ouvia o aviso que era pra ela.

Na minha família aconteceu de ter que colocar um aviso fora de hora como se diz. A minha mãe quando ela morreu era 07h30min da manhã aí colocaram o aviso e quando foi umas 08h00min horas passou o aviso e aqui na região nossa só uma pessoa pegou esse aviso. Na horinha que ela ligou o rádio saiu o aviso e foi numa hora que nem era a hora do Correspondente. Pois eles antes passavam esses avisos de urgência que os familiares levavam o aviso sem ser na hora do programa. Hoje em dia não é mais assim. Só se passa os avisos na hora do Correspondente. (GOMES, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Bocaina-PI).

O aviso era comunicando o falecimento da mãe da ouvinte, que residia no povoado Carvalho, localizado a 12 km da cidade de Bocaina do Piauí. A mesma relata que, em sua região, compreendida por mais dois povoados, Batedor e Sussuarana, apenas uma pessoa pegou o aviso que foi transmitido logo de manhã, um horário que não era o do Correspondente, mas o fato que despertou curiosidade por parte da ouvinte e dos demais moradores da localidade é que a pessoa ouviu o aviso assim que ligou o rádio.

Hoje em dia não é mais assim, diz a ouvinte, que recorda com saudade um período em que os avisos de caráter emergencial poderiam ser transmitidos em um horário que não era o do Correspondente. Essa notícia logo se espalhou pela região, e a importância de ter sido transmitido em um horário não habitual, segundo a ouvinte, foi o tempo ganho para organizar melhor o funeral, pois *se fosse transmitido apenas às 11 horas da manhã, as pessoas iriam chegar já no horário do enterro*, relata a mesma.

Por meio do rádio, as pessoas resolviam seus problemas concretos, no momento em que colocavam o aviso visando aos efeitos que o mesmo poderia fazer. Por exemplo, quando se anunciava a morte de alguém, já se tinha os nomes das localidades às quais o aviso era destinado, e esses nomes eram colocados pela própria pessoa que levava o aviso à rádio: - Nota de falecimento: os familiares de fulano de tal avisam às localidades de (aqui se citava os nomes das localidades às quais o aviso era destinado) o falecimento de fulano de tal, ocorrido tal dia, em tal hora.

Por não ser um agregado de histórias separadas, todos os relatos dos ouvintes do programa Correspondente do Interior se relacionam. O que eles têm em comum? Serem ouvintes de um mesmo programa. O que os difere? Seus relatos que partem de lugares diferentes, não só em termos geográficos, como também no que se refere ao próprio local da fala do ouvinte. Suas experiências com o rádio são formadas pela subjetividade que cada um possui, mas que de alguma forma se encontram ligadas às demais experiências.

Cada entrevistado tem uma maneira própria de relatar suas vivências, e todas são importantes nesse processo de entendimento de como se constituía a comunicação nos primeiros anos do Correspondente. Os ouvintes agregam valor ao que ouvem, no momento em que fazem do rádio esse meio de comunicação que não sai de moda, que não perde espaço nos lares, seja do meio rural, seja do meio urbano.

Segundo Maria de Fátima:

A importância do rádio é porque é um meio de comunicação antigo e que ainda permanece. Pra mim é importante porque no meu passado era um meio de comunicação que a gente tinha e que aprendeu a valorizar e os valores a gente não

deve perder. (BARROS, 2014, depoimento concedido a Mauricelia de Moura Cesar. Sussuapara-PI).

Para ela a importância do rádio está na preservação dos valores que não devem ser perdidos. Esses valores dizem respeito à forma de se relacionar com o rádio, a importância desse meio de comunicação que fazia com que se soubesse das notícias sem precisar sair de casa. Os costumes de hoje não são os de outrora e se percebe certo saudosismo na fala da ouvinte. Se antes se tinha uma valorização do rádio como único meio de comunicação, que formava um elo informativo entre as pessoas ainda que em locais distantes, hoje não é diferente. O rádio ainda é um meio de comunicação essencial à vida das pessoas. Informa, diverte, emociona, faz a imaginação viajar nas músicas, nas notícias, mas o tempo muda as formas de se relacionar com o rádio.

A ouvinte de hoje não é a mesma do passado, porque ela também sofre mudanças. E o que ficam são as lembranças de como eram os avisos antes, como as pessoas faziam para circular esses avisos, pois ir à casa de um conhecido repassar o aviso, muitas vezes, era motivo para tomar um café, para rever aquela pessoa que há muito não se via. Com o advento de novas tecnologias, vem mudando a forma de as pessoas se comunicarem.

Os laços de sociabilidade que se formaram nesse período são importantes para percebermos que o interior não era um lugar isolado em termos de comunicação. Nunca foi. As pessoas faziam circular as notícias que ouviam através do rádio. Também no espaço urbano essas notícias circulavam. Ambientes diferentes, mas que estavam interligados. Esse fator fez com que os avisos do Correspondente do Interior adquirissem relevância na vida das pessoas, em especial aquelas que ansiavam por notícias de seus familiares que estavam distantes.

Imagine-se como eram os reencontros entre as famílias, quão carregados de sentimentos eram esses momentos. A rádio não faz sentido, se pensada de forma isolada da vida das pessoas. Ela só existe porque encontra nos ouvintes a sua razão de ser um meio de comunicação que atenda às necessidades do seu público ouvinte.

O programa Correspondente do Interior fez e faz parte da vida de vários ouvintes, que guardam na memória momentos que vivenciaram, momentos que são lembrados por terem, de alguma forma, marcado suas vivências. Era um animal que sumia, era uma criança que nascia, era alguém que vinha de São Paulo. São relatos que muitas vezes não foram vivenciados pelos ouvintes que contaram, mas que estão nas suas lembranças de como eram os avisos nos primeiros anos do Correspondente.

Essas lembranças são importantes para quem não vivenciou esse período, para os mais jovens, iguais a mim, que pouco conhecem sobre a sua própria história. Denomino de própria história os momentos que formaram a história do meu município, Picos, de municípios como Sussuapara e Bocaina, que se interligam a Picos na fala dos ouvintes, quando estes falam sobre o Correspondente. Essas histórias precisam ser contadas para que se registre a importância das mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio teve e tem um papel importante no sentido de realizar a comunicação na região de Picos - PI. Podemos perceber que o rádio, em Picos, adquiriu uma importância significativa, ao atender aos anseios das pessoas. Prova disso é de que o programa Correspondente do Interior da rádio Difusora é um programa de avisos feito para e pelos ouvintes.

Enxergo o rádio não como um meio de comunicação distanciado das pessoas, alheio ao que se passa na sociedade, pelo contrário, enxergo o rádio como um instrumento do qual as pessoas se apropriam para fazer com que seus problemas concretos possam ser resolvidos. Percebo que os ouvintes não são agentes passivos no momento da escuta do rádio, pois, quando os mesmos colocam os avisos no programa Correspondente do Interior, realizam essa ação no intuito de que aqueles seus pedidos sejam não só ouvidos, mas também atendidos.

Nas participações em programas ao vivo, os ouvintes também se fazem presentes, tendo vez e voz nesses programas, fazendo com que suas reclamações sejam ouvidas pelos setores que poderão atuar no sentido de resolver as urgências reivindicadas por eles.

Ao longo da pesquisa, e com as entrevistas colhidas na pesquisa de campo, percebi que os ouvintes não escutam o rádio de forma neutra, como também os próprios programas, não são programados, pensados e articulados de forma neutra. Existem intencionalidades, tanto por quem ouve quanto por quem faz a vida no rádio, e essas intencionalidades se constroem de acordo com os interesses de ambas as partes.

Outra percepção importante foi a de que no interior não houve um isolamento em termos de comunicação. Não só o programa Correspondente do Interior proporcionou as formas de comunicação com o espaço rural, mas também as próprias pessoas desse espaço faziam com que as notícias circulassem e, dessa forma, suas vivências, suas relações sociais, encontravam-se intimamente ligadas à vida que se constituía no espaço urbano, ou seja, o espaço rural e o urbano eram vistos não de forma separada, isolada, mas em permanente ligação um com outro.

As vivências construídas não só pelo rádio, mas, bem antes, pelas amplificadoras em Picos deixam transparecer quão vivos são os relatos das pessoas que tem suas lembranças de, por exemplo, como eram as transmissões futebolísticas nas amplificadoras, os momentos de oração propiciados pela Hora do Ângelus, os avisos dos primeiros anos do programa Correspondente do Interior.

Estas revelações nos levam a perceber que, para além das transmissões, existem histórias, relatos de pessoas que, em determinados momentos, tiveram suas vidas intimamente ligadas com a vida no rádio, ou mesmo que tiveram suas formas de sociabilidade construídas pelo rádio, uma vez que o rádio era também lugar de convivência que reunia a sociedade, como era o caso das transmissões dos jogos na praça, que reunia as pessoas ao redor daquela caixinha de som (amplificadora) que fazia a transmissão.

As histórias dos ouvintes da amplificadora e da rádio Difusora são permeadas de magia, de encanto, de alegria, de momentos vivenciados, que se fazem presentes em suas lembranças. Ouvir esses relatos é adentrar a histórias que nos fazem perceber quão importante são as formas de comunicação entre as pessoas, pois o que seria de nós sem a comunicação? Como dizia Chacrinha: - *Quem não se comunica, se trumbica.*

Assinalo uma aprendizagem que modificou minha forma de enxergar o rádio, rádio esse que não deve ser olhado apenas pelo prisma de instrumento festivo, mas, sobretudo político. A oralidade presente nas amplificadoras era um meio de inserção das pessoas nas formas de comunicação que então estavam se construindo.

Partindo desse pressuposto encerro este trabalho com a convicção de que ainda existe muito a se falar sobre as vivências construídas pelo rádio em Picos, mas sabendo que, de certa forma, minha contribuição foi válida, no sentido de fazer algumas considerações sobre as histórias, os relatos dos ouvintes sobre suas formas de vivência com o rádio, bem como os relatos dos locutores e das demais pessoas que fazem do rádio, esse meio humano, caloroso, presente e participante da vida social.

FONTES E REFERÊNCIAS:**FONTES:**

BARROS, Maria de Fátima. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Bocaina-PI. 2014.

BARROS, Maria de Lourdes. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2013.

BESERRA, Rosa Maria de Carvalho. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2014.

GOMES, José Olímpio. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Bocaina-PI. 2014.

GOMES, Maria Natércia. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Bocaina-PI. 2014.

LAVÔR, José Osvaldo. Depoimento concedido a *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2013.

LÉLIS, Conceição. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2013.

LUZ, Rosa. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2013.

MENDES, Rosa Maria. BARROS, Maria de Fátima. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Bocaina-PI. 2014.

NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Bocaina-PI. 2014.

ROCHA, João de Moura. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Sussuapara-PI. 2014.

ROCHA, Oneide Fialho. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2013.

SANTOS, João Rodrigues dos. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2013.

SANTOS, Maria do Carmo. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2014.

SILVA, João Marcos da. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Sussuapara-PI. 2014.

SOUSA, Maria Aparecida. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Picos-PI. 2013.

VELOSO, Maria das Dores Leal. Depoimento concedido à *Mauricelia de Moura Cesar*. Sussuapara-PI. 2014.

REFERÊNCIAS:

a) Comunicações, dissertações e revistas.

BLOIS, Marlene M. **O rádio nosso de cada dia**. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 6, p. 13-21, mai./ago. 1996.

CALABRE, Lia. **No tempo das radionovelas**. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósCom-Methodista, a. 29, nº. 49, p. 65-83, 2º sem. 2007.

GRISA, Jairo Ângelo. **Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular**. Porto Alegre - RS: (Dissertação de Mestrado/PUC), 1999.

MORAES, Albemerc Moura de. **Aplicações da tecnologia solar fotovoltaica no Estado do Piauí: barreiras e potencialidades**. Santo André - SP: (Dissertação de Mestrado/ABC), 2009.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. João Pessoa - PB, 2003.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, nº 2, 1996.

RANGEL, Patrícia. **O Rádio e as Copas do Mundo** – De 1938 a 2010. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza – CE, 2012.

SOBRAL, C. A. CEPISA Evolução Histórica. Teresina: 1982. In: MORAES, Albemerc Moura de. **Aplicações da tecnologia solar fotovoltaica no Estado do Piauí: barreiras e potencialidades**. Santo André - SP: (Dissertação de Mestrado/ABC), 2009.

b) Livros.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2ª. ed. rev. ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

E.P. Thompson. **A miséria da teoria** ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HAUSSEN, Doris F. **Rádio e Política – tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

c) Páginas da internet.

Área do município de Picos antes do desmembramento para a formação de outros municípios. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Picos>>. Acesso em: 09 de maio de 2014.

BAUMWORCEL, Ana. **Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0837-1.pdf>>. Acesso em: 21 de dez. de 2013.

DOU (Diário Oficial da União). p. 18, seção 03, nº 115. 2000. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1273730/pg-58-secao-3-diario-oficial-da-uniao-dou-de-15-06-2000>>. Acesso em: 11 de jul. de 2014.

GOMES, Adriano Lopes. **O rádio e a experiência estética na constituição do ouvinte**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 21 de dez. de 2013.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Proj. História, São Paulo, (15), Abril. 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>>. Acesso em: 21 de dez. 2013.

Primeira transmissão da rádio Difusora de Picos.

Disponível em: <http://portalfcs.com.br/home.php?c=nd&id=4770>>. Acesso em: 21 de dez. 2013.

Sobre as Copas do mundo. Disponível em:

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/04/e-fecham-se-as-cortinas-a-ultima-copa-do-mundo-da-radio-am.htm>>. Acesso em: 17 de jul. de 2014.

Sobre as Ondas Curtas. Disponível em:

<http://www.newtoncbraga.com.br/index.php/projetos-educacionais/3284-art454>>. Acesso em: 17 de jul. de 2014.

Sobre as Radionovelas. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/radionacional/dados-artisticos>>. Acesso em: 17 de jul. de 2014.